

DIAS E NOITES

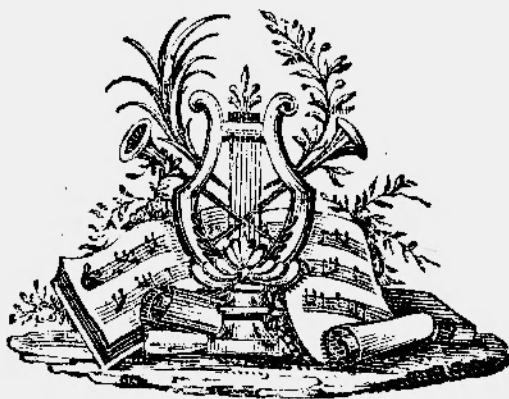
POR

Tobias Barreto de Menezes

COM UM JUÍZO CRÍTICO DE

Sylvio Romero

(1854 — 1881)



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA INDUSTRIAL — Editora
75 — Rua da Ajuda — 75

1881



26315

1947 d.



7.234

57

Tobias Barreto de Menezes

COMO POETA

Parece-me ser um facto notorio a censura, que me fazem certos criticos da côrte, pelo apreço em que tenho, como poeta e philosopho, o escriptor, cujo nome serve de epigraphe a este juizo. Sou do numero daquelles que reconhecem no publico o direito de tomar contas de todos os actos de um escriptor, e até de quem, como eu, não passa de um rabiscador chocho e inutil; e é esta a razão do máo vezo, que tenho adquirido, de não deixar increpações sem resposta.

Creio, porém, não estar em erro, suppondo que, no ponto vertente, a censura carece de base e não passa de um abuso sem justificação. Não tenho repugnancia em indicar os motivos publicos que me prendem ao escriptor sergipano, e até as razões particulares que me levam a estimal-o.

Aquelles são de ordem litteraria e já têm sido por vezes expostos, pertencendo á critica averigual-os.

As outras justificam-se por si mesmas: Tobias Barreto é meu patricio, foi professor de meus irmãos; sua familia teve amisade á minha, e, sobretudo, tanto convivi e aprendi com elle, que o considero meu mestre nas letras.

Creio ainda que em tudo isto nada vai de censuravel, e que a susceptibilidade dos chefes litterarios da côrte não será tão delicada que se magôe com tão pouco. O que não posso tolerar é que se propague um certo charlatanismo que nos leva a considerar qualquer figura minina, que apparece, como uma estrella de primeira grandeza, que no céu do pensamento se fez e vive por si, não tendo relações com os mortaes e só dependendo de seu proprio genio!

Conheço muitos espiritos deste quilate, que do proprio escriptor sergipano foram, em Pernambuco, imitadores, senão plagiarios servis, e, em romarias litterarias cá pela côrte, apresentaram-se como grandes letrados e poetas, cahidos do céu para maravilhar-nos, a nós outros, pobres diabos terrestres, humildes e obscuros.

Estou no meu direito em ter minhas predilecções, e noto que ellas mais se arraigam á medida que soffro os ataques dos invejosos e dos intolerantes. Tanto peor para mim... que mais irreconciliavel me torno com meia duzia de grandes sacerdotes litterarios cortezãos, dirão talvez!... Tanto peor para elles... que cada vez me parecem mais desfrutaveis e banaes, digo por minha parte.

Mas vamos ao assumpto. Apesar de todo meu entusiasmo tobiatico, nunca tive ensejo de escrever sobre o grande sergipano na sua qualidade de poeta... (1)

Ainda bem que elle proprio offereceu-me a

(1) Como critico analysei-o na *Philosophia no Brazil*.

ocasião, tendo a delicadeza de deixar que eu me encarregasse de preparar um prologo para o primeiro volume de suas obras poeticas, que sai hoje dos prelos a esforços meus.

I

Foi na poesia justamente que eu tive repetidas vezes de pôr-me em desacordo com Tobias Barreto.

Não é que lhe negasse a grande espontaneidade, a força e a graça de seu lyrismo. E' que elle fechava um cyclo litterario, era o ultimo romantico de valor, e eu me deixava levar por outras idéas.

A escola por elle fundada no Recife, tive occasião de a combater por vezes na pessoa de alguns de seus sectarios. (1)

Já se vê, pois, que o meu enthusiasmo admitte certas excepções e com o proprio poeta aprendi a ter o pensamento autonomico. Posso julgal-o desassombradamente na poesia.

Tobias Barreto, mais conhecido como critico e orador, foi e é, antes e acima de tudo, um poeta. Desde uma das mais velhas que conheço de suas producções, a SCENA SERGIPANA de 1856, até ao AINDA E SEMPRE, deste anno, é o mesmo lyrico, espontaneo e vivace, arroubado e natural. Releva ponderar que dos quinze aos trinta annos, durante um *grande mortalis aevi spatium*, só produziu poesias, fundou uma escola, e não se leva impunemente tanto tempo em com-

(1) Analyse das *Espumas Fluctuantes* de C. Alves no *Americano* (1870) e das *Peregrinas* de V. Palhares no *Diario de Pernambuco* (1871).

mercio com as musas. Começou seus estudos superiores já um pouco tarde. No ultimo decennio é que abandonou totalmente, ou quasi, a poesia. Sua carreira poetica divide-se em duas phases bem distinctas: a sergipana (1854 — 1862) e a pernambucana (1862 — 1881). (1)

Na primeira muito produzio; mas quasi tudo se perdeu devido isto ao seu genio descuidoso, quasi imprevidente.

Na segunda produzio ainda mais; grande parte de poesias perderam-se e as outras jazem occultas nas paginas dos jornaes. É o que acontece tambem á mór parte de seus trabalhos criticos e discursos, que andam esparsos, nunca os tendo senão limitadamente reunido em volumes. (2) E' a razão por que só é bem conhecido, quero dizer, totalmente lido e apreciado em Pernambuco.

Da primeira phase restam-nos as poesias seguintes: SCENA SERGIPANA, QUADRO HISTORICO, ANHELOS, BEIJA-FLOR, MÃI E FILHO e fragmentos do JUIZO FINAL. São as principaes. Todas as outars pertencem á época seguinte. Não é inutilmente que assignalo estes factos e lhes indico as datas.

E' que pelo estudo dos trabalhos escriptos por Tobias Barreto, quando ainda não tinha sahido

(1) Esta ultima subdivide-se no periodo do Recife (1862 — 1870) e o da Escada (1871 — 1881).

(2) *Ensaio de Philosophia e critica. Uma carta aberta á imprensa allemã. O Brazil litterario. Um discurso em mangas de camisa. Estudos allemães. Algumas Ideias sobre o Fundamento do Direito de Punir.*

de Sergipe, quando nada mais sabia do que a fundo o latim, conhece-se a natureza integral de seu talento poetico, que ainda não tinha sido perturbado por leituras estrangeiras. Possuia já todos os meritos, sem alguns dos seus descuidos: um lyrismo sadio, trescalando um perfeito amor á vida e á natureza, suave e limpido.

Cumpre estudar o poeta em relação ao seu paiz, sua raça, seu tempo e á natureza intrinseca de seu talento, e vêr si elle foi um retardatario ou um espirito ávido de luz, si original e patrio.

No tempo em que se desenvolveu, a poesia brasileira atravessava uma crise, estava em decadência. A primeira phase do romantismo religioso e caboclo, iniciada por Magalhães, Porto-Alegre e Gonçalves Dias, tinha passado; a segunda, sentimental e affectada, seguida por Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e Junqueira Freire, já desgostava á nação. O sergipano, que era e é ainda, um homem robusto e sadio, não tinha soffrimentos turgidos a contar, e foi naturalista, vivido e arroubado. Romantico na maneira de tratar a poesia na fórmula que se inclinava á de Victor Hugo, não o era no choro affectado e na descrença theatral. Tambem tem peças sentimentaes, é certo; mas de um sentimento real, inspirado por sua má posição social: era e é pauperrimo e obscuro.

O autor dos DIAS E NOITES é um dos mais estrenuos e genuinos representantes do povo brasileiro. Nascido em Sergipe, na villa de Campos a 7 de Junho de 1839, teve uma dessas criações ao

ar livre, ao contacto directo com o povo. Campos é um ninho de lendas e tradições populares. Na poesia anonyma da provincia ella occupa lugar conspicuo.

Esse sôpro popular da pequena villa das margens do rio Real, bafejado n'alma do poeta, nunca mais se lhe apagou.

A SCENA SERGIPANA, OS TABARÉOS, OS TROVADORES DAS SELVAS e a LENDA RUSTICA mostram essa origem.

Por ellas e pelos canticos patrioticos, inspirados pela guerra do Paraguay, é que o poeta prende-se ao nosso povo; é um brasileiro no genuino sentido da palavra.

Nem se diga que elle tem sido um terrivel critico de nossos erros e abusos. Razão de mais para ser brasileiro; porque deseja o nosso progresso. Sabe-se que o celebre romancista russo Ivan Turgenief ha sido um acerrimo censor de sua patria. Julian Schimidt lhe respondeu que a Russia não pôde ser um tão detestavel paiz, desde que produzio um Ivan Turgenief !

E' o que se pôde dizer do Brazil: não é tão ruim patria, já que pôde, entre poucos, crear um Tobias Barreto.

O poeta é um nacional em regra, um mestiço claro, em que predomina muito o sangue branco; a tez accusa essa mescla; mas o craneo é puramente caucasico; fronte espaçosa e alta, olhar perscrutador e vivido.

Tem o fogo dos homens de sua raça, a loquella forte e animada, a linguagem brusca e colorida,

certa tendencia para o pathos; é um mestiço e um meridional.

Ama o calor, devora café e só póde escrever envolto em fumaças.

E' commodista, e, ainda em Sergipe, era um eximio tocador de violão e excellente cantor de modinhas.

Um traço mais: nunca pedio cartas de empenho, sempre teve ojerisa a empregos publicos; gosta de viver por si e em pequenas villas; não póde ter obrigações aturadas e perdeu um anno na Faculdade de Direito, por acordar sempre em hora atrazada. E' um descuidoso, um poeta. Isto pinta o seu genio sem affectação, o seu typo de homem do povo.

Juntai agora a tudo um character severo, uma sinceridade de amigo a toda prova, um amor filial como não me foi dado apreciar outro, uma independencia e altivez sempre promptas contra os grandes e potentados, e tereis a face moral de sua natureza. (1) E' um homem de bem, e só podia ser o poeta da verdade. Nada de convenções e attitudes theatraes. E' simples e lhano. Vi-o quasi louco quando perdeu sua mãe, que elle fôra buscar a Sergipe e que acabou os dias em sua casa.

Não posso comprehender a poesia n'um homem, cuja vida não tem tambem alguma cousa de original e poetico; não comprehendo como um pacato filho da côrte, empregado de secretaria, individuo que nunca lutou, nunca soffreu, possa ser um poeta.

(1) Ainda ha pouco, estando em luta com certa aristocracia fatua de Pernambuco, teve a casa cercada por capangas, que tentaram *assassiná-lo*!!!...

Este manifesta-se logo em seu modo de ser e de viver.

Que Tobias, porém, o filho de um escrivão pobre, o filho do povo, que haurio na infancia as lendas da plebe, que sahio da casa paterna aos dezeseis annos para ganhar a vida, ensinando primeiras letras, musica e latim; que aos vinte e tres atirou-se para o Recife, e, sem recursos, aprendeu consigo os preparatorios em um anno; que alli, por um esforço herculeo, estudou a fundo linguas e sciencias, frequentando a Faculdade e leccionando; que depois de formado, longe de aceitar empregos publicos, o seu primeiro cuidado foi romper com o Sr. de Villa-Bella e outros pseudo-aristocratas de Pernambuco que o quizeram catechisar; que um tal homem, que ha soffrido, seja um poeta eu comprehendo.

E' preciso ter lutado, senão tanto como elle, um pouco tambem; é preciso, antes de tudo, conhecer o povo e ter visto o paiz.

A litteratura cortezã é uma planta de estufa; uma flôr n'um vaso, estiolada e murcha.

Tobias Barreto nunca estudou directamente a poesia de nosso povo. Saturou-se porém della, e conhece-a por instincto.

Em Sergipe quando elle appareceu, a poesia era quasi nulla e só tinha quatro cultores de algum merecimento: Pedro de Calazans, José Maria Gomes de Souza, seu irmão Constantino e Bithencourt Sampaio.

Tobias ultrapassou-os e muito. Para proval-o basta citar as duas pequenas peças *SCENA SERGIPANA* e *O BEIJA-FLOR*.

As poesias puramente sergipanas revelam-nos sua

aptidão lyrica, uma das mais pronunciadas do Brazil. O poeta é todo objectivista; não prantêa; diz o que vio e sentio, e não assume ares de philosopho, de raciocinador, nem tão pouco de carpideira. Uma cousa fica, desde logo, provada, e é que o autor dos DIAS E NOITES já em Sergipe, antes de saber o francez e ler Victor Hugo, tinha o mesmo estylo que sempre teve e ainda hoje conserva na poesia. Seu modo de dizer é aquelle, é natural. E' alguma cousa que se parece com a fórma do Victor Hugo lyrista nos bons tempos. Depois é que Tobias tomou conhecimento do grande mestre, e achando-se a gosto naquella corrente da poesia, deixou-se ir por ella abaixo exagerando-se um pouco. Foi isto em 1861 nos mezes que passou na Bahia, antes de ir a Pernambuco em 1862. (1)

II

O estado intellectual do Recife nesse tempo era lastimavel: uma mescla de carolice, bebida em Ventura de Raulica e Taparelli, e de palavrosidade metaphysica, tomada de Esquiros, Pelletan e Quinet... Tal a face da Academia.

A poesia era um prolongamento dos *tacapes* de Gonçalves Dias e da *choradeira* de Alvares de Azevedo.

Neste meio saltou Tobias com vinte e tres annos

(1) Em 1861 passou Tobias Barreto alguns mezes na Bahia; ali tornou-se logo saliente na poesia a ponto de merecer a attenção do velho e illustre Muniz Barreto, o celebre repentista e um dos melhores poetas deste paiz.

de idade. Ruminou a bordo uma das suas melhores producções: A' VISTA DO RECIFE.

Desde logo as cousas se acharam mudadas; aquelle modo de dizer masculino e irriante era novo.

A chorominga morreu desde ahi; os entusiastas tomaram o partido do sergipano. Castro Alves, muito mais moço, e apparecido posteriormente como poeta do genero, era do numero delles. Os dous foram amigos. Tobias sempre o distinguio d'entre a turba multa e dedicou-lhe os lindos versos — OS OITO ANOS. Castro Alves dedicou-lhe O RIO e o GENIO. Mais tarde, por intrigas e questões de bastidores, brigarem os dous. A luta foi renhida e escandalosa, por causa de duas actrizes.

Na questão puramente litteraria e critica não foi para surprender que o sergipano contundisse o bahiano, que, si tinha, como fui sempre dos primeiros a reconhecer, um apreciavel talento poetico, não tinha estudos feitos.

Formaram-se dous partidos em torno dos dous poetas. Logo em começo, a nova escola dava o espectaculo de uma luta intestina. Como era natural, os dissidentes e os sectarios das antigas maneiras sahiram a campo, e Tobias foi horriavelmente apredejado, o que o fez dizer:

“ De tantas pedras que atiram-me
Hei de fazer um altar...”

Em 1867, Castro Alves retirou-se do Recife para a Bahia e depois para o Rio e S. Paulo. Teve então a fraqueza de aceitar as recommendações de José de Alencar e do Sr. Machado de Assis!

Castro Alves não era um verdadeiro lutador; não tinha certo pessimismo indispensavel ao tempo de hoje. Fraquejou, e deixou-se empolgar por um homem da tempera do Sr. Machado de Assis, *virtuoso litterario*, enroupado á franceza... Desde esse dia o joven poeta bahiano deixou de ser um homem de combate, tinha de retirar-se ou morrer. Deu-se a ultima hypothese.

A época de 1832 a 1870 no Recife, ao influxo de um entusiasmo de subito desenvolvido, foi um periodo de vida e movimento litterario. Alli appareceram poetas de grande merecimento: Tobias Barreto, Castro Alves, Guimarães Junior, Plinio de Lima, Victoriano Palhares, Carneiro Vilella, Franklin Tavora, Generino dos Santos, José Jorge, Altino de Araujo, e muitos outros.

Varella lá tambem appareceu durante um anno e distinguio-se por suas singularidades. Si não deixou-se ir pela corrente geral, não teve força para chamar os outros a si. Era um periodo guerreiro para o paiz e a poesia acostumou-se ao retintim das armas. Ouvimos então os nossos mais bellos hymnos patrioticos. O Recife era a passagem de todos os batalhões do norte; o ardor marcial era geral. Tobias recitou os **VOLUNTARIOS PERNAMBUCANOS, A CAPITULAÇÃO DE MONTEVIDÉO, OS LEÕES DO NORTE, EM NOME DE UMA PERNAMBUCANA** e muitos outros canticos marciaes.

A principio a guerra tinha sido mal recebida em Pernambuco, sempre ferido no segundo reinado; as festas publicas e os brados dos poetas

acabaram por acordal-o. Tobias foi o Tyrteu do movimento.

Em 1870, quando se acabou a guerra, já elle estava entregue a outra ordem de idéas ; mas foram ainda chamal-o para saudar os que regres-savam da campanha, e recitou a VOLTA DOS VOLUNTARIOS, uma de suas mais ruidosas poesias. Ahi o poeta já estava um pouco descrente e seu enthusiasmo bastante arrefecido ; entre outras notas, ouviram-se estas :

E oxalá que em algum dia.
Tendo saudades da morte,
Não clameis : “ feliz a sorte
Dos que não voltaram cá!... ”

Foi assim ; muitos voluntarios arrependeram-se de ter voltado á patria ! Neste paiz, onde, segundo o nosso poeta, *o sol é popular e preside ao trabalho*, onde

— O sol que nos conforta
E' nosso concidadão...

a natureza é grande, mas deixou pouco lugar para o homem. Si tivermos uma nova guerra no Rio da Prata, duvido muito que ella seja acolhida com o mesmo enthusiasmo de 1864.

Antes de proseguir no estudo do character poetico de nosso autor, é preciso dar a conhecer o que elle mesmo naquelle tempo pensava sobre a poesia. Para aqui transcrevo umas palavras por elle escriptas n'um volume de versos de Paes de Andrade. Ahi revela-se a sua intuição daquelle tempo. Disse o poeta :

“ Passa como uma verdade incontestavel que a poesia, a poesia lyrica digna deste nome, é a expressão das lutas da alma humana com o enyigma do seu destino.

“ A felicidade indefinita, que o homem aspira, é a incognita de um problema sombrio, diante do qual encontram-se perpetuamente embebidos o padre com todas as suas preces, o philosopho com todos os seus calculos, o poeta com todas as suas queixas. A poesia impregnada dos perfumes da religião e das luzes da philosophia, torna-se um alimento suavissimo, um favo de consolação para os corações solitarios, que não profanam a santidade do padecer com a brutalidade dos prazeres insensatos.

“ Deste modo, falsêa o entender daquelles que dão, que empregam como character da poesia a criação de um mundo á parte, phantasmagorico, impossivel. Assim como já não é dado ao philosopho recostar-se nas hypotheses, não é dado ao poeta apegar-se aos vagos sonhos dos espectros fumegantes da imaginação febril.

“ *A poesia de hoje, a poesia do seculo XIX tambem precisa da observação ; o poeta deve ser investigador ; elle tambem pertence á grande aristocracia pensante, a esse grupo de cabeças cheias de todas as auras do futuro, que têm os ouvidos attentos a todos os silencios mysteriosos, e as frentes batidas por todas as vagas do infinito. Mas no homem que pensa, eu quero ver tambem o homem que obra. Longe estou de supôr que para o culto do pensamento, como pre-*

tende o Sr. Eugéne Pelletan, seja mister a instituição de uma classe brahminica, sagrada. Seria o sacerdocio da ociosidade. O genio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve apparecer como parte activa nos trabalhos, nas lutas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao philosopho, ao pensador em geral —, nós te sustentamos, o teu trabalho é todo intimo —, importa dizer-lhe: divorcia-te da sociedade, renuncia ás doçuras da familia, aos encantos da mulher; nós iremos te consultar na gruta do teu pensamento, piaga da civilisação. (1)

“ Não sou do numero daquelles que amam a poesia como um minuto de prazer, um entretenimento de occasião, uma embriaguez de todas as paixões, uma feiticeira nocturna que se occupa de introduzir sonhos de voluptuosidade debaixo do travesseiro da donzella.

“ E é a que mais vemos, a que mais temos, a que mais agrada em nossa terra, linguagem da devassidão, linguagem do lenocinio, poesia sensual, dityrambica, immoralissima, pagã.

“ Lêde os modernos lyristas amorosos, e vêde: as mulheres apparecem quasi nuas, desgrenhadas, preguiçosas ou nymphomaniacas; a natureza fluctua em mar de voluptias, a brisa é *voluptuosa*, a tarde é *voluptuosa*, a flôr é *voluptuosa*, a estrella é *voluptuosa*, tudo é *voluptuoso*. Deus mesmo não escapa, tem os seus momentos de

(1) Neste periodo já claramente, em 1865, Tobias Barreto mostra que possuia a intuição do verdadeiro realismo moderno

sensualidade!! E depois desta urgia intellectual, ahi temol-os cahidos em uns sentimentos *indisiveis*, ou seja o nosso *Seismar*, ou o *réverie* dos francezes, ou o *schmsucht* dos allemães, que todos querem dizer *preguiça*, essa estupidez da acção. Debalde procuraremos em poesias desta ordem o sentimento da vida, o sentimento das cousas: “*Lacrymæ — rerum*. Nellas a belleza, sobretudo, a belleza feminina é uma exquisitice ridicula. Quando não é um anjo que vem á terra sem um motivo plausivel, é uma mulher microscopica, insignificante, uma descendente bastarda da rainha Mab, mettida n’um froco de escuma ou na dobra de uma nuvem, que ao muito poderá servir para amante de uma criança, mas nunca para ser a doce consolação de um homem, no sagrado aperto das mãos, na santa união dos destinos: *Consors*.

“ E não finda ahi. Se acontece que seja real o objecto de suas adorações, o poeta, metaphoricamente choroso, em vez de apresentar aos olhos de sua querida as delicias, a grata existencia, a suavidade dos laços da familia, procura desapertar-lhe a charpa dos santos deveres, insinuando-lhe tendencias perigosas na impetuosa insolencia de uma poesia animal, balda de prazer para o publico sensato e sorrrateiramente prejudicial á sociedade. Com effeito ao homem sério, que tem o gosto do bello e do bom, nada importam, nada deleitam versos que só tem beijos, que fallam de mais beijos do que os milhares e centos de milhares que Catullo pedia á sua Lesbia. *Da mi basia mille, deinde centum*. Vemos, dest’arte a poesia prestar-se aos appetites

vergonhosos. Desejos que degradam, palpitações criminosas exprimem-se com toda a audacia da libertinagem. O bom senso indigna-se de ver a mais bella das artes, a mais doce das linguagens, demittida do seu mister horroroso e sublime.

“ Seja qual fôr o vigor de seu talento, e seja qual fôr a grandeza de suas concepções, o poeta é sempre um homem, e como tal sujeito ás leis que regem a natureza humana.

“ Observa-se, entretanto, que na época actual quem faz uma quadra, uma tirada dessas bagatellas que por ahi facilmente correm com o nome de poesia, crê-se logo revestido de uma certa immuni-
dade moral. E é possivel chegar um dia em que os *genios* reclamem tambem a immuni-
dade legal —, porque não ?

“ Quando se lhes desculpam as suas tolices, porque são poetas, a sua deshonestidade, porque são poetas, é de esperar que muito breve se lhes desculpe tambem o furto, porque são *genios*, defloramento, porque são *genios*, e até o assassinato, porque são *genios*. Fallemos franco.

“ A poesia rotineira dos nossos dias é a deserção dos principios moraes, é Deus tratado com um certo tom de atrevida familiaridade; é a mulher *metricamente* seduzida, convidada para presidir ao grande banquete da vida licenciosa, é a criação representada como uma cortesã immensa, cambaleando bebada no espaço, de taça em punho, atirando ao infinito a gargalhada do deboche.

“ O poeta, fazendo o inventario da natureza de que elle se mostra rei e senhor, não esquecendo

nunca — a brisa que suspira, a florinha que se inclina, o regato que murmura, a onda que beija a praia, etc., etc., tem o ar de dizer a qualquer bella que se lhe antolhe, como Satanaz a Jesus: Tudo isto é meu, e eu t'o dou se te curvares aos meus desejos. E' o requinte do desaforo; não tem outro nome. No livro de um poeta deve-se tomar as dimensões de seu craneo e palpar as dôres do seu coração. E' bem pequenina a cabeça que não aguenta uma idéa nova, grandiosa e aproveitavel; bem acanhado o peito que apenas pôde conter a mesquinhez de triviaes amores. Suffocar, no curso da vida, todas as paixões aviltantes, e deste tormento, dignamente doloroso, fazer brotar os sentimentos nobres que determinam as nobres acções; provocar, interpellar a natureza, cobril-a com um olhar indagador, exigindo-lhe os segredos da sabedoria, e ter em resposta o que outr'ora ao santo leproso da Iduméa o abysmo respondia — *non est in me* —; amar, procurar unir-se, purificar-se diante de Deus na chamma celeste de uma alma de mulher, tudo isto é o assumpto da grande, da verdadeira poesia, porque é ao mesmo tempo o assumpto da vida do homem de bem.

E' de notar a maldição continua lançada pelos poetas contra os homens positivos. E quem são os homens positivos? Serão aquelles que, occupados no seu trabalho, não se demoram um instante para escutar as harmonias phantasticas de algum sonhador allemão, para ler uma pagina de A. Musset e apreciar poeticamente descriptos os trejeitos e colleamentos de alguma hespanhola voluptuosa, querendo morder como uma féra na estação da

berra ; para medir com Goethe os pés do hexametro no dorso nú de cortesã romana, tudo isto em verso, tudo isto em livros que se espalham, que se louvam, que se animam, que se beijam ... serão esses ? Oh ! então os homens positivos são os homens honestos. ”

E' uma de suas boas paginas de prosa ; o poeta foi sempre mais ou menos fiel a este programma.

Bem se vê, que elle nada tinha da languidez e do epicurismo burguez da poesia immoral. Sua musa nunca teve necessidade de desenhar-nos *alcouces, barregans, crimes esverdiados*, erotismos perpetuos, aphrodisiacas pinturas.

Andava distrahido com o enthusiasmo esthetico, o sentimento da natureza, o patriotismo e o amor. Dos poetas portuguezes, parece-se com João de Deus, de quem tem mais de um traço, e dos brazileiros, com Luiz Delfino, de quem tem a elevação das notas, ainda que os exceda a ambos.

E' um cantor altiloco.

Em 1865, escrevia elle as palavras transcriptas, condemnando as immoralidades do romantismo. Dez annos depois Guerra Junqueiro, como prologo da MORTE DE D. JOÃO, poz alguma cousa de parecido e como quem fazia uma grande revelação.

Tenho sempre associado o nome de Castro Alves ao de Tobias Barreto. Importa mostrar as differenças entre ambos. Considero-os os dous melhores representantes do lyrismo hugoino no Brazil ; ambos têm o tom elevado, que os fez denominar de chefes da *escola condoreira*. A verdade, porém,

deve ser dita com franqueza : tal genero de poesia nas mãos dos mediocres transformou-se n'um gongorismo petulante e incorrigivel, n'uma cascata de palavras retumbantes. Era um coachar incommodo para o ouvido, esterilizador para as idéas. Tobias, nas suas poesias naturalistas, nas amorosas, e nas inspiradas pelo sentimento artistico foi sempre elevado, mas simples ; nas dictadas pelo sentimento patriotico, ás vezes, foi um pouco exagerado por exigencia do assumpto.

Castro Alves o foi ainda mais ; Tobias o excede na simplicidade e naturalismo.

Um inspirou-se em a natureza, o outro mais no estado de nossa vida social ; um cantou os TROVADORES DAS SELVAS e o outro o NAVIO NEGREIRO, um o GENIO DA HUMANIDADE e a LENDA RUSTICA, o outro o LIVRO e a AMERICA E PEDRO IVO. Não quer isto dizer que Tobias não se inspirasse tambem no Brazil ; inspirou-se e muito, como nos TABARÉOS e na VISTA DO RECIFE, mas pelo lado popular e patriotico.

Tobias é mais lyrico, mais suave, mais terno, quando é amoroso ; mais crepitante, quando encara os grandes assumptos. Castro Alves mais incorrecto, mais palavroso, mais affectado ; este dirige-se aos miseros captivos de preferencia ; aquelle aos homens livres, principalmente. As poesias de Castro são mais para serem recitadas e as de Tobias para serem lidas.

Um é o segundo elo da cadeia, de que o outro foi o primeiro e Victoriano Palhares o terceiro. O poeta das ESPUMAS FLUCTUANTES foi tido por

chefe, por dous motivos principaes : o passar-se para o Rio e S. Paulo e o ter publicado logo o seu livro. Não esqueçamos, porém, que elle nada teve de innovador, não passando de um sectario de Tobias. Esta é a justiça da historia.

Tenho todas as provas deste facto no exame das producções dos dous poetas anteriores a 1862. Tobias começou antes e continuou ainda depois; porquanto, quando elle veio a romper com o Victor Hugo da decadencia transformado em propheta, philosopho e politico, Castro Alves já dormia o somno do sepulchro. O Victor Hugo das ODES E BALADAS e das ORIENTAES continúa a ser ainda hoje o mesmo aos olhos do poeta do AINDA E SEMPRE. O rompimento foi muito posterior á guerra allemã, quando o sergipano dedicou-se ao germanismo. Foi limitado ás extravagancias do vidente, como se póde ver no artigo AUERBACH E VICTOR HUGO. (1) Com estas considerações tenho em mira firmar a verdade dos factos e não menosprezar, veja-se bem, o merecimento do poeta bahiano em quem sempre verei um grande talento, que muito fez, e ainda mais se teria avantajado, se a morte o não houvesse retirado da arena de nossas lutas e se elle quizesse estudar. Deve ser julgado com a verdade e não precisa de ser cercado de uma aureola falsa para ter valor aos nossos olhos. E oxalá todos lhe rendessem o preito desinteressado

(1) Escripto em 1873 e publicado nos *Ensaio e Estudos de Philosophia e Critica* em 1875.

da justiça. Desta é que precisamos todos, os mortos ainda mais que os vivos.

Tobias Barreto que, como poeta, tem trabalhado no vasto periodo de vinte e oito annos, não tem convenientemente defendido o seu lugar, e, nem sequer, reunio jámais suas producções em livros. Os que, porém, vivem em Pernambuco sabem perfeitamente que elle tem sido um trabalhador infatigavel no jornalismo e tem tomado parte activissima em todas as lutas litterarias alli travadas. Com razão disse um dos primeiros sabios deste seculo o grande Ernesto Haeckel, que elle é *zur Race der grossen Denker gehoerig*. Sirva este insuspeito testemunho de eterno anathema contra os pequenos zoilos que mordem á sombra do poeta. Castro Alves representou, no terreno da poesia, um papel que foi delle : o de propagador na Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo, onde creou adeptos, do movimento iniciado por Tobias no Recife.

Tal a sua missão historica que deve ser consignada e que ninguem se lembra de lh'a tirar.

III

Vejamus por ultimo a natureza intima do talento poetico do solitario da Escada. O livro que sai agora dos prelos, divide-se em cinco partes, contendo cinco categorias diversas de inspirações : *naturalistas, amorosas, patrioticas, estheticas, e satyricas*. Esta divisão não é caprichosa ; origina-se da qualidade mesma das composições. O poeta nunca teve a poesia como uma profissão de vida. Têm-n'a como tal, certos monomaniacos, que enten-

dem, lá de si para si, que são poetas, por graça de Deus ou do diabo; que julgam ter necessidade de fazer versos, como outros julgam que não podem viver sem purgar-se a miudo. E' uma cousa terrível a mania do versejador de profissão, que se concentra para accumular rimas e rimas e compôr longas machinas de martyrio, verdadeiras polés para o leitor, como a INDEPENDENCIA DO BRAZIL ou a CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS. Tobias Barreto nunca fez planos, nem cogitou em vastas obras. A poesia para elle era uma questão de festa, de alegria, de divertimento.

Nessas occasiões poetava, como um passaro canta ao clarão matinal. Tal o verdadeiro poeta, aquelle que só escreve para vazar no papel alguma cousa que nelle trasborda, ou seja a tristeza, ou o enthusiasmo. Tobias Barreto é um desses destemidos

“ Corações acrysolados
No brasileiro sentir...”

é um desses meredionaes, sonhadores, descuidosos, que pegam fogo por qualquer cousa.

Qualquer que seja a doutrina que se professe sobre a natureza da poesia, não se lhe póde negar que ella é a vida em geral, a natureza e o homem, interpretados pelo sentimento. As grandes creações da humanidade não passam de quatro—: a sciencia, a philosophia, a religião e a arte.

A sciencia é o universo interpretado pelo raciocinio e pela observação; a philosophia é a sua synthese racional; a religião é a origem, a

causa primeira, o desconhecido em face de nossa pequenez e do acanhado de nossos conhecimentos; a arte em geral e a poesia, em particular, vem a ser tudo isso de que se occupam as outras, mas tudo diante das emoções que em nós se despertam pelo espectáculo das cousas, pelas peripecias da vida. A poesia é isto. Como tal, ninguem a sentio melhor do que o poeta dos DIAS E NOITES.

Dessa sua qualidade essencial originou-se justamente o seu maior defeito, que consistio sempre e sempre em baratear o seu talento. É para impressionar o entusiasmo enorme de que Tobias deixava-se apoderar diante de uma actriz ou de um cantor mediocre. A fonte perenne do sentimento é nos poetas, ás vezes, um inconveniente: o arderem não raro por uma cousa insignificante. Em tudo acham um encanto, um motivo para um trasbordamento. Tobias é destes; tudo a seus olhos toma proporções excepçõaes.

O Brazil é a joven patria de heróes, a Tamborini tem phrases de ouro na bocca; o rebequista Muniz Barreto é o genio que ser maior é morrer; o Recife é a cidade das galhardias, da raça das Romas tombadas e das Babylonias em pó...

Ao través do sensorio do poeta as cousas e os factos se avolumam; o inspirado só póde cantar o que é grande, e, quando o objecto é pequeno e vulgar, a imaginação suppre o que lhe falta em grandeza.

E' um exagero sublime; mas sempre um exagero. Bem haja aos poucos que delle são capa-

zes ; porque são os verdadeiros poetas. A arte só é possível sendo vaga, geral, indeterminada, e, para tudo dizer n'uma palavra, sendo em certo sentido *falsa*. A poesia é sempre falsa cotejada com a realidade, que lhe está sempre abaixo ou acima ; mas é sempre verdadeira cotejada com o estado emocional do poeta, que é, até certo ponto, um visionario.

Tobias Barreto, eu o julgo admiravel nas suas poesias geraes e naturalistas, como o GENIO DA HUMANIDADE, a CARIDADE, a LENDA RUSTICA, OS TABARÉOS, OS TROVADORES DAS SELVAS, OITO ANNOS, a POLKA, e outras. Ahi seu talento é realista, objectivista.

Nas poesias amorosas, ainda o aprecio quasi tanto por ser sempre lucido e verdadeiro.

As inspiradas pelo sentimento esthetico despertado pelos espectaculos e festas, a que assistia, me agradam especialmente como modelos de força e de graça, como typos de metrificacão.

Os canticos patrioticos são alguma cousa de original, que não encontra muitas congeneres em todas as litteraturas. Aquelle fallar tem algo de desusado ; são phrases vibrantes, que se enterram como dardos acerados ; alli ha a limpidez das espadas, o silvo das balas e o troar dos canhões. Tobias creou e matou este genero ; depois d'elle é uma innocencia querer tental-o de novo. É, todavia, não são para mim as suas melhores producções ; acho-o ainda superior nas primeiras.

As satyricas são em pequeno numero ; o poeta devia cultivar mais a miude o genero ; porque,

pelo REI REINA E NÃO GOVERNA se conhece que elle pôde fazer muito alli.

As artes vivem essencialmente pelo prestigio da fórma ; o estylo é quasi tudo em poesia. Neste ponto, o poeta da LENDA RUSTICA tem uma feição propria, consistente em um certo laconismo forte e rutilo. Pôde-se bem vê-lo na seguinte estrophe de 1861 de um QUADRO HISTORICO sobre a guerra hollandeza ; cito de proposito esse topico tirado das composições mais antigas :

“ Barreto diz :— Somos poucos
De encontro ao troço hollandez ;
Que vamos fazer, oh loucos ? !
Morrer inglorios, talvez !
— General, brada Vieira,
Foi minha a idéa primeira,
O passo primeiro, é meu...
Morreremos neste extremo...
— Camarão ruge : não temo !
Henrique Dias : nem eu ! ”

Eis ahi todo um complicado dialogo comprimido n'uma estrophe. Em todas as suas poesias, além de tudo, o nosso autor nunca usou de uma só palavra peregrina, cujo significado se tenha de ir procurar no dictionario ; seus termos são simples e vulgares ; é a lingua singela e rutilante do povo.

Eis ahi o que foi e o que é Tobias Barreto como poeta : um lyrista brilhante pela imaginação e commovedor pelo sentimento.

Paulina Moser, poetisa allemã, nos bellos versos

que lhe dirigio, diz que elle no *allemannismo* achou o genio que o ha de levar á immortalidade :

“ Nationalstolz auf Wahrheit gebäut
Wolt allemal Ehr' und Achtung gebuehrt ;
Du, Meneses, hast im dem Deutschthum geschaut
Den Genius, der Dich zur Unsterblichkeit fuehrt. ”

Eu o creio bem ; mas ainda quando o *teuto sergipano* não houvesse escripto uma só palavra como prosador, seu nome ficaria garantido por suas producções poeticas ; seria sempre lembrado como o chefe de uma importante escola nacional de poesia.

Pouco importa que tenham tirado para outro a gloria da iniciativa. — Sua antecendencia de mais de oito annos será um dia reconhecida.



Parte Primeira

IMPESOAES E NATURALISTAS

Dias e Noites

O Genio da Humanidade

Sou eu quem assiste ás lutas,
Que dentro d'alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração :
Quiz ver dos céos o segredo ;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometteu ;
Tive sêde do infinito,
Genio, feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares,
E o céu se azulando vae ;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares dizem : passae !...
Satisfazendo ao anhelos
Do bom, do grande e do bello,
Todas as fórmulas tomei :
Com Homero fui poeta,
Com Izaias propheta,
Com Alexandre fui rei.



26315-d.-1977

Ouvi-me : venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor ;
As minhas barbas de monge
Tem seis mil annos de dor :
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corsel,
E ainda sinto os resabios
Dos beijos que dei nos labios
Da prostituta Babel.

E vi Pentapolis núa,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol : eu sou tua,
Beija-me... queima-me assim !
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ancias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Labios em brazas de amor !...

Travei-me em lutas immensas,
Por vezes cançado e nú,
Gritei ao céo : em que pensas ?
Ao mar : de que choras tu ?
Caminho... e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da historia, que é minha irman :
Chamem-me Byron ou Gœthe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrella da manhan.

E no meu canto solemne
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perenne
Crepusculo interior,
O impio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé!...
E ás tempestades que abalam
Âs crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!...

De Deus ao subtil ouvido
Eu sou como que um tropel,
E a natureza um ruido
Das abelhas com seu mel,
Das flores com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma, que echoam
No fundo do coração!...

(1866)



Os Tabaréos

A noite bole-me n'alma,
E eu sinto não sei que pena...
Amor de minha morena?
Quebrantos do seu olhar?
Grossas auras repassadas
De perfumes e lembranças,
Carregam-me as esperanças,
Eu só me vingo em chorar...,

Chorar? que bem fazem lagrimas?
A folha secca abrazada
Não vale a fresca orvallhada...
Chorar!.. eu nunca chorei:
Ergo a fronte, aparo o raio,
Desgraçado e sempre altivo,
Não morro, porque não vivo;
Não choro, porque não sei.

Não sei! quem é que não sabe
N'uma lagrima sentida
Alliviar-se da vida,
Que pesa no coração?
Não sabes como são tristes
Os olhos de quem não chora,
Como o teu rosto descora
No calor deste sertão?

Deste sertão! é bem duro
Soltar inutil queixume,
Amar, sentir um perfume
De que não se sabe a flôr...
Não me recordes, não falles
No meu rosto descorado,
No meu olhar desvairado:
Não bulas com a minha dor.

*
* *

Interrompendo os lamentos,
Calaram-se. Ambos attentos
Ouvem como que um tropel,
Que se augmenta, que se engrossa...
À poucos passos da choça
Nitrio, fegoso corsél.

E a todos, que alli se achavam,
Guarda-os Deus! não me esperavam!...
Disse um moço que esbarrou;
De casa aqui n'uma hora!
São rasgos de quem namora....
Palavra dada, aqui estou!

Consta-me que ha muito arrojô
Nos festejos de São João,
Vim hoje ver a novena
E conversar com a morena
Que trago no coração.

Conversar?! e vim disposto
À carregal-a tambem
Nas ancas do meu murzéllo,
Demonio que só eu séllo,
Só eu monto e mais ninguem...

*
**

Olharam-se todos. Tu és um damnado!
Disseram. E o moço já estava de pé:
N'um cêpo de angico, depois assentado,
Contava proezas, mostrando quem é.

Conversa o terrivel, que sabe de tudo,
De espectro e phantasma que á noite se vê:
Um diz: é mentira! O camponio pelludo
De um pulo s'erguendo, responde-lhe: o que?!

A noite formosa do Santo Baptista
Tem muitas virtudes, sustenta o rapaz.
Eu conto uma historia da bella entrevista
Que têm os valentes com o diabo sagaz.

Peguei, como ensinam, de um galho de arruda,
Depuz no caminho que encruza-se alli:
Gritei pelo nome da fera sanhuda,
E ao cheiro da herva com poucas eu vi....

Em negro cavallo de arreios de fogo
Figura medonha me diz: aqui estou!
Senti-me medroso de entrar neste jogo.
Não sei... de repente meu sangue esquentou.

Nos olhos, no punho correu-me a coragem ;
Que estava montado no meu alazão ;
Cravei-lhe as esporas, cheguei-me á visagem,
Tomei-lhe a distancia, metti-lhe o facão.

E o ferro tinia no corpo de pedra,
Faiscas enormes cahiam no chão ;
Eu cego bradava : comigo não medra !
Virou-se n'um porco, metti-lhe o facão.

Virou-se,... virou-se.... piquei o cavallo,
Bem alto dizendo-lhe : é como quizer !...
Lancei-me por cima, queria pegal-o...
E esta?!.... O diabo virado em mulher !.

* * *


Metto o facão na bainha ;
Pergunto-lhe : e quem és tu ?
D'alto á baixo era Joanninha,
Por alcunha — *Pucassú*.

Mas aqui havia engano :
Como é qu'essa meretriz,
Que morreu, ha mais de um anno,
De cousa que não se diz,

Vinha encontrar-se comigo ?
Não acho a causa. — Só sei
Que ante a cara do inimigo
Fui firme, não recuei.

Não fugi, não tive medo
Das astucias infernaes.
Ella pedio-me segredo,
Por isso não digo o mais.

(1866)



O Beija-flor

Era uma moça franzina,
Bella visão matutina
Daquellas que é raro ver,
Corpo esbelto, collo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vêde-a lá: tímida, esquiva...
Que bocca!.. é a flôr mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa do labio,
Como quem suga o resabio
Dos beijos de um cherubim!..

Nem vio que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco alli se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

A fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada
De seu rosto a nivea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós tres!...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzella,
Peneira na face d'ella,
E quer-lhe os labios tambem.

Treme a virgem de surpresa ;
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flôr da mão,
Nas azas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.


Não sei o que a virgem falla,
Que abre o peito e mais trescala,
Do trescalar de uma flor :
Vôa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos beijos de rubra côr.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar ;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver : inconhos jambos
De algum celeste pomar!..

Forte luta, luta incrível
Por um beijo ! É impossivel
Dizer tudo o que se deu.
Tanta cousa, que se esquece
Na vida ! Mas me parece
Que o passarinho venceu!...

Conheço a moça franzina
Que a fronte candida inclina
Ao sopro de casto amor :
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ella conta sorrindo
A historia do beija-flor.

(1857)



Scena Sergipana

Sim ; nas almas das donzellas
Toda a graça se contem :
Quando eu brincava com ellas,
Eu era virgem tambem...
Por tardes de bello estio
Via-as despir-se no rio,
Não tinham pejo de mim...
Meus olhos se deslumbavam
De fórmãs que se arqueavam
Como lyras de marfim.

Quando a dona do vestido,
Que eu me apressava em levar,
Dizia : como é sabido !
Vem trazer para me olhar ...
Vendo-me então pequenino :
Quem faz conta de um menino...
Criança, de que te influes?!
Gritavam corpinhos humidos ;
Esta aqui — de seios tumidos,
Aquella — de olhos azues.


Nem já me lembra qual era
Que em mim se arrimando então,
Meu noivo, dizia: espera !
Outras vezes : meu irmão !...

Como acabava depressa
Tanto amor tanta promessa
De coração virginal!..
Ah bellos tempos ditosos
Em que os enganos são gozos
E os beijos não fazem mal!

Um beijo é todo o segredo
Deposto na linda mão;
Milagre!.. pomba sem mêdo,
Brincando com o gavião ...
Meio vergada em desleixo,
Com a innocencia em que a deixo,
Na arêa imprimindo o pé,
Com certa graça fraterna,
Sufralda, descobre a perna,
E me olha e diz: o que é?!..

Fica-lhe a bocca entre-aberta,
Dizendo sorrindo assim .
Meu olhar se desconcerta ...
Porque não foge de mim?!
Tomo-lhe as mãos pequeninas,
Esguias, brancas, divinas,
E n'um ligeiro abraçar,
Volvendo o corpo em contrario,
Rebenta-se-lhe o rosario,
E ella se pôe a chorar....

(1856)



Os Trovadores das Selvas

Na porta da choça, que aspira a baunilha,
Mistura-se a lua com varias feições
De moças que escutam rapaz que dedilha,
Rapaz que dedilha silvestres canções.

Da *prima* aos ténidos, ao som da cantiga,
Dançando a mais bella se alquebra e sorri,
E o canto repete-lhe : assim, rapariga,
Assim, rapariga, desfolha-te aqui !

Quem disse, meninas, que lá nas cidades
Tudo era belleza ? prorompe o cantor :
Mentira . . . não passam de fôfas vaidades,
De fôfas vaidades, de espinhos em flôr.

Ao bafo sonoro da musica em ancias,
Que embaça dos rostos a tez de crystal,
La vai fluctuando, perdendo as fragancias,
Perdendo as fragancias, a flor virginal !

E os seios que pulam em surdas arfadas,
Das harpas serenas ao doce arquejar,
De sons e suspiros as roupas tufadas,
As roupas tufadas, querendo voar ? ..

São ellas que estreitam-se em braços delgados,
As moças, as bellas, as virgens de lá . . .
Corpinhos ligeiros, os seios pegados,
Os seios pegados . . . que não se fará ?

São estas as graças, que lá se desfrutam ?
De pé, raparigas, aqui junto a mim !
Cantemos um hymno ; pois não nos escutam,
Pois não nos escutam, digamos assim :

* *
* *

Paixão da belleza,
Nos bailes accessa,
Da selva a simpleza
Mas bella não é ?
Que importa esse encanto
De um collo sem manto,
De um rosto sem pranto,
De uma alma sem fé ?


Que são vossas bellas ?
Nós temos donzellas
Mais lindas do que ellas,
Mais virgens emfim :
Meninas caladas,
Bebendo as toadas,
Do peito choradas
Do meu bandolim . . .

E aqui no terrado,
Por ellas pisado,
De lua forrado,
Dançamos tambem ;
Mas tudo é candura ,
Que aqui não impura
Não pega em cintura,
Nem dá-se a ninguem.

Nem crescem desejos,
Que em surdos adejos
Em busca de beijos,
Produzem só fel ;
Aqui na colmeia
Do peito mais cheia,
Que o céu só tenteia ...
Quem sabe-lhe o mel ?

E' nossa a victoria :
Gravai na memoria ,
Que um raio de gloria
Nos doira o suor.
Com Deus trabalhamos,
Colhemos, cantamos,
E assim nos amamos,
Quem vive melhor ?

(1864)



A Caridade

Fazei o bem. Sobre a terra
É a belleza suprema,
Tem mais luz do que um poema,
Vale mais do que um trophéo.
Por uma dadiua ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle goza no céo.

Si ao grito dos que padecem
O mundo cerra os ouvidos,
Si do prazer nos ruidos
Perdeu-se do céo a voz ;
De torpezas maculada
Do Christo a veste inconsutil,
Parece que foi inutil
O ter morrido por nós !

Será que o sol da bondade
Vá no occaso se escondendo ?
Será que Deus vá descendo
Á força do homem subir ?
Por isso de dia em dia
Ganha o vicio mais encantos,
E vê-se a virtude em prantos
E a impiedade a sorrir ?

Será que os raios divinos
Tenham enfim resfriado?
Que indiferente e calado
O ceu nos contemple? Não:
Deus perdoa ao mundo ingrato
E aos suspiros de quem soffre,
Tem sempre aberto o seu cofre
De amor e consolação.

E desse amor o perfume,
Que alimenta a caridade,
No seio da humanidade
Brotal-o quando o céo quer,
Lançando mão d'uma estrella
Mais viva do firmamento,
Fórma d'ella um sentimento
No coração da mulher.

Nem cremos que ás outras almas
Taes pensamentos assomem;
Não, não é cabeça d' homem
Qu'estas idéas contém;
É da mulher que ellas partem,
Da mulher, que suspirando,
Mesmo sorrindo e cantando,
Ensina a fazer o bem.

Geme a familia do bravo
Que a morte cobrio de louros;
Que custa abrir-lhe os thesouros
Bondosos do coração?...

E assim fallarem unidas,
Como echos de um só abysmo,
A voz do patriotismo
E a voz da religião?

Si é bella assim a virtude
Face á face com a opulencia,
Derramando aquella essencia,
Que em harmonias se esvae ;
Que custa dar um sorriso,
Dar um obolo, um carinho
Ás aves, que não tem ninho,
Aos filhos, que não tem pae?

A caridade inda sôa
Nas fibras do humano peito :
Como no céo satisfeito
Vai ficar o moço Deus,
Jesus, o amigo dos tristes
Quando os astros lhe contarem,
E estas vozes lá chegarem
Nas azas dos anjos seus !...

Fazei o bem. Sobre a terra
É a grandeza suprema ;
Tem mais luz do que um poema
Vale mais do que um trophéo ;
Por uma dadiva ao pobre,
Que é de Deus o grande eleito,
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle goza no céo.

(1866)

O Dia de Finados no Cemiterio

Trajando gallas de morte,
Virgens filhas desgrenhadas,
De almos prantos enfeitadas,
Querem fallar a seus pais...
Quer a viuva ennoitecida
Ver do esposo a face algente,
Dizer-lhe um adeus sómente...
Senhor! porque não deixaes?

Vós, que o templo dos sepulchros
Encheis de augusta presença,
Com o serio da indifferença,
Contemplais tamanha dor?!
São corações que se chamam,
São mães de peito anhelante,
Que pedem ver um instante
Seus filhos... deixaes, Senhor!

Vós, que sabeis que hoje ao menos,
As nossas magoas são puras,
Que ambrosias, que doçuras
Podeis achar nestes ais?

Rescende a prece orvalhada,
Palpita o marmor funereo,
Querem sondar o mysterio,
Senhor, porque não deixaes ?

Aqui, de envolta com as supplicas,
Uma saudade sentida
Sob a cabeça adormida
Do amigo se quer depôr...
Vem queixosa a orphãzinha,
Por entre ruas de louzas,
Dizer chorando.... umas cousas...
A seu pae ; deixaes, Senhor !

Pelo aflate destas auras,
Pela bocca destas flores,
Mandai um conforto ás dores
Que o dia de hoje accendeu :
Assim a mãe cuidadosa
Do filho tenro, choroso
Sopra o dedinho mimoso
Que um vil insecto mordeu...

Podeis austero e sombrio
Sacudir a prece, o pranto,
Que as orlas do vosso manto
Nesta hora ensopado tem ?
Não, meu Deus, alguma gotta
Sobre estes thesouros de ossos,
Que são os thesouros nossos,
Aqui derramais tambem....

É uma lagrima doce,
Que cae do olhar providente,
Mais bella que outro presente
Que venha de vossa mão ;
E essa lagrima invisivel,
Que verteis limpida e calma,
Tem nome cahindo n'alma,
Se chama : — Resignação !

(1862)



Mãe e Filho

Menino, que ao céo revôa
Levado por mão de santa;
Junto a Deus a luz o espanta,
Quer chorar e Deus sorri...
Neste abandono celeste,
No vago de uma lembrança,
Mãe!.. balbucia a criança,
E um anjo canta : eil-a aqui !

Subito o triste innocente
Se lança meigo e choroso
No branco seio amoroso
Que alli outra mão conduz ;
A mãe e o filho abraçados
Se prostram na immensa alfombra,
Ella..... com medo da sombra
Elle..... com medo da luz!!.

(1860)



Lenda Rustica

Como um perfume que embalsama os campos
E as abelhas attrahe á flor que o exhala,
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se vio. Rivaes perdidos
Já no punho mediram-se por ella.
Por ella triste o sertanejo bravo,
Que amostra da corage, a côr e a seiva,
Sangue nos olhos e suor na fronte,
Deixou tombar aos sócs do meio dia
Pelo ermo a cabeça atormentada.

* * *

Lá se avista uma choça. Alli se esconde
No seu ninho de palha a ave esgarrada :
Cançada e louca e só, núa se atira
Nesse banho do céu, fervendo em sonhos,
Que é o seu dormir. Sobre ella arregalados
Da noite os astros, através das frestas,
No leito vêm-na estremeçada, anciosa
Revelar ao seu anjo espavorido
Daquelle corpo os candidos mysterios.
Divino sangue lhe realça as veias ;
E do somno emergindo á face nitida,
Nas alvas carnes docemente escorrem
Tenues fios azues de ondas celestes.

* * *



Abandonada assim, de riso em riso,
De sonho em sonho, dilatando as graças,
Não acorda, desbrocha... abre com as flores,
E a estrella da manhã lhe accende os olhos.
Inquietos, grandes, que borbulham d'alma...
Ã esmo lavram nos seus lombos rigidos
Louros cabellos, fluctuando esparsos,
Como uma irradiação do sol nos mares.
Basto, abundante, pesa-lhe nos hombros
O massiço das tranças, balançadas,
Como torrentes, que d'um monte cahem,
Em suas ondas rolando arêas de oiro.
E has de vêr :— este archanjo é condemnado,
Esta pomba cahio em laço ignobil,
Esta mulher se mancha em lodo infame !
Prostituta, com seios de donzella,
Off'rece aos beijos vis aquella testa
Branca, pendida, como a lua baça,
Lá para o occaso, ao despontar do dia.
E nem sei como os sopros da lascivia
Não murcharam-lhe ainda os beijos rubidos,
Folhas de riso e mel, que abrem polposas,
Ao biquinho dos passaros implumes,
Que ella tira do ninho e traz no seio.
Porque muda de cór a cada instante ?
Dir-se-ia que fluctuam-lhe no rosto
As sombras vagas de visões angelicas ;
Que altamente suspendem-se e revoam
De su'alma na escura immensidade
Legiões que passam, candidas, purpureas,
E atraz... o anjo pallido da morte !
O bosque verde, a solidão florida,

As grutas cheias de mysterio e sombra,
Moitas folhudas, onde a rola geme,
E debaixo remoe a corça arisca,
Eis ahi, trescalando, as mil alcouvas
Do prostibulo immenso dessa douda.

* *

De bem longe a pomba linda
Fugindo sentou-se aqui :
E pensas que o odio finda,
Que não se lembram de ti ?

É já muito e não se estanca
Dos teus o pranto infeliz ;
Cresce, cresce a barba branca
Do velho que te maldiz ...

Em braços d'homem repousas,
As tranças varrem o chão :
Porque ensinas essas cousas
A's flores da solidão? ...

No vicio teu corpo illustra
Não murcha, sempre gentil !
É como uma flor palustre,
Que cheira no lôdo vil.

De beijos queimada, esqueces
Que a morte te vê... pois bem :
Tu peccas e adormeces !...
Espera, o raio ahi vem.

* *

É noite, bem noite. Na estrada arenosa,
Que em leguas de plano se vê branquear,
Qual serpe disforme de prata lustrosa,
Que ahí se estirasse dormindo ao luar,

Vae um cavalleiro... Fluctuam nos ares
Ao sópro do vento, que açoita cruel,
Os fios ligeiros de negros pensares
E as crinas brilhantes de negro corssel.

A senda achatada sumio-se na mata,
E o vulto nocturno com ella embocou.
Do ventre das brenhas, que têm a cascata,
Rugido medonho na mata estrondou.

É d'onça terrivel, que vae diligente
Na secca folhagem pisando subtil.
Refuga o cavallo na mão do valente,
Como um pyrilampo clarêa o fuzil.

Sua arma querida, que não desfogona,
Diabo!... medrosa!... lhe mente esta vez ;
Medroso o cavallo tambem lhe abandona,
Lançando-o por terra, n'um gyro que fez.

Mas elle, que a queda previne adestrado,
De um salto adiante se firma de pé!
Com as redeas seguras, cabelo eriçado,
Lembranças perdidas, nem sabe o que é!!!...

Ninguem lhe apparece. Cavalga ligeiro ;
Palavras soturnas murmura e sorri.
Caminha... e sahindo n'um largo terreiro,
Quem visse-lhe o gesto, diria : é aqui!...

*
*
*

De certo a aragem campestre
Levemente sussurrou
Na palha. Uma estatua equestre
Diante da choça brotou.

*
* *

Mas cil-o já de pé. N'um braço d'arvore
Enfia as redeas, e o ginete espera.
Avança e pára... O coração se encolhe.
Com o ferro em punho, de bainha argentea,
Faz um aceno rapido de sombra,
Como impondo silencio á natureza,
E ao monstro horrivel, que lhe morde n'alma.
Avança e chega. — Cede a porta fragil,
E entra lugubre o espectro da vingança.
Na lareira incinzada um lenho ardendo
Brota de um sopro a tocha, que allumia
O miserrimo alvergue. Olhou em roda,
E nos labios correu-lhe um riso tremulo,
Porque ella apparece emfim! coitada!...

*
* *

Resona a pobre, despedida,
Com o corpo todo risonho,
Suada, lidando em sonho
De amor e beijos talvez...
Como que um tepido orvalho
Sobre ella a noite derrama,
E lingua de etherca flamma
Lambe-lhe a florea nudez.

*
* *

Elle a vê... sua irman!... Retira os olhos,
 Lança-lhe em cima um véo, que acaso encontra,
 Chega-se a ella, trava-lhe do braço,
 Sacode-a e diz: — acorda, eu vim matar-te!
 Mal estremunha, a victima conhece
 O seu algoz, que descarrega o golpe,
 Rugindo: a um velho pae este offereço,
 E mais este, que é meu, e, agora morta,
 A punhalada ultima, profunda,
 Seja este beijo, que saudosa envia-te
 Por despedida minha mãe.... Calou-se.
 E o toque desses labios enraivados,
 Que poisaram na fronte de um cadaver,
 Queimando-o, lhe deixou medonho estigma.

* * *

Já começava a desbrochar, corando,
 A papoula dos céos, a aurora. Os passaros
 E as flores confundiam suas preces.
 No momento em que as choças humilhadas
 Aos pés da Virgem Santa um hymno erguendo,
 No levante a sorrir, a alva tremia,
 Como cruz de diamante em seio pallido,
 E suavissimas vozes de donzellas
 Cantavam — *Salve, stella matutina!*...
 Passava um cavalleiro á trote surdo
 De agitado corsel. Com as mãos crispadas,
 Olhos torvos, cabeça descoberta,
 Que os bafos matinaes não refrescavam,
 Era horrivel!... O ancião rustico e forte,
 Que madruga, aspirando o aroma puro
 Da guabiraba a se benzer dizia:
 “ Nunca vi de manhan cara tão feia!... ”

(1866)

Oito Annos

Que bello é vê-la brincando
A virgenzinha em botão,
Inquieta, rindo, saltando
Sobre o tapiz do salão
Com essa malicia divina,
Que a faz em tudo bulir ;
E dão-lhe um grito : — menina !...
E ella foge, e torna vir...


Toda primores celestes,
Coberta de alvura só,
Nuas pernas, curtas vestes,
Cabellos, qual aureo pó,
De angelico pensamento,
Perfumoso enchendo o ar,
Naquelle arrebatamento,
Com que a infancia quer brincar...

A flor conserrada ainda
Recende em sua manhan ;
E se ouve uma voz : — tão linda !...
Voz mais doce : — é minha irman...
Por graça alguém diz : que moça,
Mostrando o joelho nú !...
Mais alguém : — que perna grossa !
E ella diz : grossa tens tu.

Quiz proval-o, e n'um instante
De pueril insensatez,
Vio-se o lampejo inflammante
De nunca vista nudez
De sob a folhuda veste
Claro revelar-se até...
E o demoninho celeste
Gritou fugindo : — não é?!...

Dá-se perdão á criança,
Que inda não sabe o que faz,
Da vida na onda mansa,
Da innocencia na paz.
Contou-se o crime sorrindo,
Quem é que punil-a vae?
Depois... estava dormindo
Já nos braços de seu pae...

(1865)



Anhélos

Não olheis para a sombra que passa ;
Quero triste viver, ermo e só.
Minha noiva me espera nas nuvens,
Minha gloria da campa no pó.

Nem tenteis impedir-me a passagem,
Que não curvo a cabeça a ninguém.
Para entrar nos combates da sorte,
Tenho azas e garras tambem.

Sou um filho das plagas selvagens,
Onde o peito não teme bater ;
Aprendi os queixumes da rola,
E a cascata ensinou-me a gemer.

Preste, preste a lançar-me ás alturas,
Tenho as redeas da morte na mão,
Pelo trilho que as aguias abriram
Tras o anjo do meu coração.

Os tormentos da vida me cabem,
Os espinhos da rosa são meus ;
Mas não posso encontrar quem me diga
Onde estão os thesouros de Deus !

Interpello as estrellas que choram,
E as estrellas não querem dizer ;
Fallo aos ventos e os ventos respondem :
Tambem nós procuramos saber...

E' assim : — tudo tem sua magoa,
Tudo tem sua sombra de horror,
Que de envolta com a sombra da terra
Vae lançar-se nos pés do Senhor !...

(1860)



Duvidas

Quanta illusão!... O céo mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De duvidas crueis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Christo, o filho de Deus vivo,
A quem chamam tambem Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do captiveiro,
E eu vejo o mundo ainda tão captivo!

Si os reis são sempre os reis, si o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio,
Da tyrannia, e da miseria o travo,

Si é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Si o homem chora e continúa escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

(1880)



Tentemos...

Ante o vulto das montanhas,
Que pousam na solidão,
De sondar-lhes as entranhas
Ha como uma tentação,
Que nos diz: alli ha ouro!...
De certo, quanto thesouro
Nãõ se pudéra encontrar
Sob os montes arrazados,
Sob os thronos derrocados,
E até nas bases do altar?!...

(1858)



Realidade


No drama universal, cujo desfecho
Do mundo e d'alma o hyminéo encerra,
Tudo é scena de amor, sim, tudo falla,
Tudo tem seu dialogo na terra.

Conversa o mar com o céo ; a flor e a estrella,
Como duas irmans que dormem juntas,
Beijam-se, abraçam-se, estremecem languidas,
Fazendo mutuas infantis perguntas ...

Somente o coração geme isolado
Neste deserto de perpetua lida ;
Por isso folga de encontrar um verbo,
Uma voz que lhe falle de outra vida ...

De outra luz, de outro ar, que se respira,
De outro mundo vestido de alvorada :
Ou sejam québros de um olhar de virgem,
Ou sons de uma harpa d'anjo além vibrada ...

(1864)



Vãos e quedas

Quebrei a cr'ôa de espinho,
Que a minha frente sangrou :
Como a serpe occupa o ninho
Que o passaro abandonou,
Jaz em meu peito o desgosto ...
Do abysmo lava-me o rosto
A onda crepuscular ;
De minh'alma a fibra extrema
Sai nas unhas do problema,
Que não se deixa pegar....

Vêr o mysterio erigado
Rodeando os mausoléos,
Morrer... subindo... agarrado
No escarpamento dos céos,
E' triste! — Mas é a vida...
O homem, de tanta lida
Cançado, indagando vae ;
Chora embalde, grita, escuta,
E a terra, mãe prostituta,
Não lhe diz quem é seu pae!...

E a humanidade rolando
De queda em queda a gemer,
E o pensameuto voando,
E o coração a bater;
Do genio augusto aos ouvidos
Mal chegam vagos ruidos,
Que sôam: — Deus ahi vem....
Eu digo a Virgilio terno:
Foste com Dante ao inferno,
Leva-me a elle tambem.

Do prazer tenue ressabio
Fica n'alma que o sentio;
Subito cerra-se o labio,
Ninguem diz que elle sorrio:
Mas dos olhos que choraram
Como ainda se deparam
Indicios na rubidez,
Na tristeza, no quebranto,
Naquelle trilho do pranto,
Que mancha a mais linda tez!...

Na cabeça, que arde e pensa,
Lança em balde os opios seus
A noite, esta gruta immensa,
Cheia da sombra de Deus.
Para a alma entenebrecida,
Pelos mysterios perdida,
Sem fé que vale a razão?
É como a tocha tremente
Que a Sonambula innocente
Leva na pallida mão.

Abalo as ramas celestes,
E um fructo só me não cae ;
Seguro de um anjo as vestes,
E o anjo em fumo se esvae !
Quando cuido em ledó sonho
Beijar um vulto risonho,
A aurora grita : — sou eu !
E a natureza acordada
É toda uma gargalhada,
Que zomba do engano meu ...

De tudo a ira reguma :
O pégo profere além
Sua palavra de escuma,
Dá sal e raiva e desdem.
Na mata o cedro detento,
Despeitado pelo vento,
Que a coma lhe esfrangalhou,
Range os dentes agastado ...
Será, meu Deus, irritado
Contra a mão que o enraizou ?

Mas o homem... que emudeça,
Que se contente em chorar,
Joelhe, curve a cabeça,
E deixe-se coroar
Coroar de espinhos duros,
Cercar de dias escuros,
Por isso — o que se lhe dá ?
Ah ! como é tremula a crença
Firmada na recompensa
Defferida para lá ! ...

Lá mesmo onde não se chora,
Onde se vive feliz,
Falla Tasso a Eleonora,
E Dante abraça Beatriz?...
Sinto já monotonia
Neste sol de todo o dia,
No riso destas manhãs;
Contemplo, triste, pasmado,
O gyro desorientado
De tantas idéas vãs.

Apraz-me a tarde saudosa,
Como o olhar de quem chorou,
E a descôr daquella rosa,
Que aberta n'haste ficou.
Luz mais viva me illumina
De ver o sol, que se inclina,
Como quem diz: terminei!...
De ver, sangrento o horizonte,
Rolar do topo do monte
Essa cabeça de rei!...

Doem-me as auras na face...
Amor e gozo...nenhum!
Ruge o coração vorace,
Ancioso, féro, em jejum.
Como um grito soterrado,
Geme o espirito abafado
No antro escuro da dor;
Si então blasphema impiedoso?!...
Ah! meu Deus, o cão raivoso
Não conhece o seu senhor!

Sobre a dôr, que me consome,
Mão virginea inda não puz:
Tenho sêde, tenho fome
De beijos, de vida e luz...
Nas fauces quentes, sequiosas
Não me entornam estas rosas
Tanto orvalho, que ellas tem!
Vejo: só se me revela
Desdem no rir da donzela,
Na boca da flor desdem.

Mal a folhada dos dias
Cobre-me a debil raiz...
Ao sopro das agonias,
Vacillo, nuto, infeliz...
Tão puro em minha nascença!...
Arrasta-me força immensa,
E eu chego turvo no mar:
Na luta descai-me o braço,
Minha fé, meu peito d'aço,
Que mal te pode varar?

Lembra-me a garça serena
Voava lá dos paúes;
Morria a tarde morena
Com as suas veias azues;
Fitando o céu do sol posto,
Pallido, como um desgosto,
Limpo, como um seio nú,
Não sei que dor me doia...
E minha mãe me dizia:
Filho, de que choras tu?

Meiga, enchugando-me a face,
Mandando uma prece além,
Pedia que eu não chorasse...
Ella... chorando tambem!...
Brandas auras vespertinas,
Com roupas femininas,
Faziam-me estremecer :
Na frente — maternos beijos,
No peito — vagos desejos
De meditar e morrer...

Meu pae, si não tinhas ouro,
Porque confiaste assim?
Minha mãe, que é do teu choro,
Que é dos teus votos por mim?
E essas lagrimas, que banham
Faces de mãe, não se apanham,
Deixam-se á tôa... cahir?!
Os anjos encarregados
Andam ahi occupados
Na graça de algum sorrir...

E o meu destino adversario
Ella o não poude escôar
Nas contas do seu rosario
Nas gottas do seu chorar!
Minha alma vasculejada
Borbulha a palavra irada,
Escuma de essencia ruim...
Qual fôra disso o effeito,
Si uma lagrima, do peito,
Não rebentasse?... ai de mim!

Como um hymno mudo, santo,
Como a prece que mais sei,
Em terminando o meu pranto,
Posso dizer : — já resei :
Por mim, por tudo, em abono
Dos mortos, cujo abandono
Não fica bem ao Senhor ;
E a elles, doces e gratas,
As preces são serenatas
Da sua noite de horror.

D'arvore o espectro soturno,
O tronco velho de pé
Espanta o viajor nocturno,
Que lhe pergunta : — quem é ?
Tal o phantasma terrivel,
A negra fórma impossivel
Que representa-se além ;
Mas que céde á confiança
Do caminheiro, que avança,
E lá murmura : — ninguem !

Lutar com o anjo da sorte
Para dizer-lhe : venci !...
Tremenda luta, que a morte
Contempla ao lado, e sorri ;
Noites sorver, que consomem,
E não ser mais do que um homem
Pequeno, tosco, vulgar,
Ao muito libando amores,
Nos degráos inferiores...
Assim... não quero lutar !...


Pois que não sou um eleito
Para as conquistas da luz,
Eis a vida, — eu a engeito,
Amarro-a nos pés da cruz;
E vou-me, espirito audace,
Mais livre no desenlace,
Que a hora extrema produz,
À claridade, em que ondeiam,
Deslumbram, cantam, vagueiam
Verdades, mysterios nus.

Dá em terra o desgraçado
Que a mão sicaria abateu,
A féra ruge — coitado!
E a serpe diz — não fui eu!
Quem sabe se a alma sedenta
Tomando a porta sangrenta,
Que lhe abre o ferro lethal,
Voando por sobre a vida,
Não repete enternecida:
Muito obrigada, punhal!

Eu sei!... a campa desperta
Deitada aos pés do Senhor,
Anceia com a bocca aberta,
Como cão de caçador,
Pois a vida é sua presa...
Talvez que d'alma a belleza
Se estrague na escuridão,
Si o Senhor não a reserva,
Tirando a pelle da cerva,
E a carne dando ao seu cão.

Da vida escura, mesquinha,
Quando a alma solta os seus ais,
Como os pios da avezinha
No enleio dos espinhaes,
Vôa talvez de repente...
Oh! sim...que eu morra contente,
Nem ouça o pranto dos meus:
Sob a campa em abandono,
Não me acordeis do meu somno,
Deixai-me sonhar com Deus!...

(1865)



Mulher e genio

Foi uma idéa, que engastou-se quente
De moços nobres na cabeça ardente,
Foi um sonho feliz ;
Desses, que amostram em bateis de luas
Cantando e rindo deslumbrantes, núas,
Luminosas Huris.

Foi uma idéa, que emergio singela ;
Afoitos corações travaram d'ella,
Entregaram-na a ti.
Désse Deus um olhar que os anjos vara,
E através da mulher limpida e clara
Como a idéa sorri !...

Cinge-te a graça de intima belleza ;
Nos mysterios d'além tua alma acceza
Começa a radiar :
Tendo louros da idéa no proscenio,
Que nome dar-te-hão ? chamar-te genio ?...
Isto é muito vulgar...

Fallar em genios !... Que me quer nos labios
 Esta phrase, este mel de acres rressabios,
 Este riso de dor ?
 Embriagados do céo, que em aureas taças
 Bebem os tragos de infernaes desgraças
 Em honra do Senhor !

.....

Genio !... é sondar o golphão do ineffavel
 É ter um coração, monstro insaciavel
 De esperança e porvir,
 Calcando o mundo, que lhe diz : padeça !...
 Este horizonte aperta-lhe a cabeça,
 E elle tende a subir.

Genio !... elle manda á aurora que desponte ;
 Sobe ; os futuros roçam-lhe na fronte
 Perto, perto do céo...
 Sacode-se dos pés a poeira humana ;
 Nos páramos azúes da luta insana
 Levanta-se o trophéo.

Os grandes dias do progresso humano
 Custam a vir. O genio soberano,
 De alma branca e louçan,
 Cresce, cresce, debruça-se nos montes
 E arranca lá dos fundos horizontes
 A estrella da manhan !...

(1863)



Parte Segunda



AMOROSAS

Amemos

Amar é fazer o ninho,
Que a duas almas contém,
Ter medo de estar sosinho,
Dizer com lagrimas: vem!...
Flor, querida, noiva, esposa...
Cabemos na mesma lousa,
Julieta, eu sou Romeu;
Correr, gritar: — onde vamos?
Que luz!... que cheiro! onde estamos?
E ouvir uma voz: no céo!

Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem;
Chegarmos loucos, perdidos
Onde não chega ninguém...
E ao pé de correntes calmas,
Que espelham virentes palmas,
Dizer-te: senta-te aqui;
E além, na margem sombria,
Vêr uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti!

(1866)

Supplica

Que brancas fórmãs ao meu peito afago !
Não ; são chymeras pela mente esparsas :
Não ; é a escuma que acolhôa o lago ;
Não ; é a alvura de serenas garças . . .

Não me maltrates ! . . tu que tens no seio
Tanto rebento de paixões viçosas
D'alma superflua, que amanhece cheio
Do teu sorriso o coração das rosas.

Os astros limpos a tremer sedentos
Da luz que guardas como em um thesouro,
Pedem um fio dos teus pensamentos
Para adornarem suas frentes de ouro.

E a onda pede, para arfar mais bella,
A inquietitude que o teu corpo abala . . .
E a aura da tarde supplicante anhela
Pelas essencias, que tua bocca exala.


Bocca mimosa, que uma aurora encerra,
Que meiga espira virginal fragrancia ! . . .
Formou-a Deus para supprir na terra
Das flores mudas a perpetua infancia.

Boquinha aberta ao matinal rorejo,
Que existe só para sorrir nos prados,
Fallar ao céo e receber o beijo,
Que Deus envia aos corações magoados.

Olha... si meiga, como tu pareces,
Terna criasses, nos vergeis nascida,
Pobre avezinha, e por amor lhe dèsses
Na flôr dos labios o alento e a vida ;

Um dia ingrata, te esquecendo d'ella,
Com quem, tu sabes, ninguem mais se importa,
Quando a lembrança te viesse, oh bella,
Não chorarias de enconral-a morta ?

(1866)



Dá-me depressa . . .

Que silencio, que calma
No teu olhar !
Cherubim da minha alma,
Vamos voar ?

Algum canto suave
No bosque ouvir ?
Ou no ninho de uma ave
Juntos dormir ?

Vamos, longe do mundo,
Que é um paúl,
Espelhar-nos no fundo
Do céu azul ?

Sei de um ermo encantado,
Que existe além ;
Já corremos o prado,
Caminha, vem !

Dentro deste arvoredor
Ninguem nos vê . . .
Vamos, tremes de medo ?
Medo de que ?

Olha as frutas vermelhas
Do meu vergel. . .
Quanto enxame de abelhas !
Tu queres mel ?

Olha . . . que passarinho
Lindo a cantar ! . . .
Vou pegal-o no ninho,
Para t'o dar.


Quanta sombra ! . . Repousa,
Descansa aqui :
Vou dizer-te uma cousa,
Que eu sei de ti.

Mas só digo na bocca,
No ouvido não . . .
Anda, espera ; que louca ! . .
Retira a mão ! . .

Suspirar-te um segredo
Deixa, que tem ?
Cuidas que no arvoreda
Bolio alguém ?

Foi o vento ; ora essa ! . .
Ninguem bolio :
Chega, dá-me depressa . . .
Está ! . . Quem vio ?

(1867)



Pelo dia em que nasceste

Ouve-me tu : na tristeza,
Como uma sombra estendida,
No mais escuro da vida,
Cá onde nada sorri,
Minha alma bebe os orvalhos
Do teu suor odoroso
Como se eu rico e ditoso
Vellasse perto de ti !

Volvendo as folhas dos dias,
Paraste rindo encantada
Sobre a estampa mais dourada
Desse livro que não lês :
Com o seu cocár luminoso
O sol espana o teu rosto ;
Não fica n'alma um desgosto,
Nem uma sombra na tez.

Hoje que cabes n'um berço,
Que abriste d'alma o thesouro,
O dia é teu livro d'ouro,
E eu pego n'elle subtil
Para escrever uns segredos,
Para depor uns carinhos
E uns beijos . . . nos sapatinhos
Da tua idade infantil.

Por ti . . . conservo sorrisos
Pela dor não apagados,
Como titulos gravados
Em face de mausoléo.
Contemplo o resto de infancia
Que a tua testa alumia,
Qual o fim de um bello dia
Crepusculando no céo.

Bem sei que sonhas venturas
E a aragem que te balouça,
Franzina, languida moça,
Não te consente pender.
Socega, flor boliçosa,
Deixa em teu seio innocente,
Vertida em lagrima quente,
Minh'alma se recolher.

*
* *

Bella ! . . . nem sentes o ruir da vida,
Celeste arroio que te cobre a planta,
Bafejada dos céos, estremecida,
Etherea, limpida, impalpavel, santa ! . . .

Fulges como de orvalho perfumoso
Perola solta ao matinal gotejo :
Noiva do raio pallido mimoso
Que no calix da flor sorve-a de um beijo !

Transparece o candor d'alma sem magoas ;
Á noite, ao dia estranha, sobranceira,
Teu traje sôa, como o som das aguas,
Teu corpo treme e tua sombra cheira . . .

*
* *

E tua alma tambem porque não vôa ?
Podiamos subir, vagar atôa
Pelo infinito sós ;
Eu faria de amor hymnos e preces,
Um ninho para ti . . . Si tu quizesse,
Um ninho para nós.

*
* *

Que receias ? teu labio não murchece,
De moça eterna o raio te circumda :
Da frente o lyrio não descai. Parece
Que uma alma exterior teu corpo inunda.

Como em floreo botão fechas as graças
E de um peito aos anhelos doloridos,
Ás ancias loucas, não te volves, passas . . .
Cuidas que é o soar de teus vestidos.


Edenica romã que um anjo parte,
É tua bocca entreabrindo-se risonha.
Sou pequeno, bem sei, para tocar-te,
De que tamanho queres que eu me ponha ?

N'um fio odóro tua imagem sigo,
Teu nome doce como um hymno entôo :
Eleva-me, que amar-te é voar contigo,
Ser aguia e d'anjo acompanhar-te o vôo.

Eil-a de brilhos no seu throno alçada !
Eu te saúdo, burity do outeiro,
Que balanças a coma alumiada
Do sol nascente ao radiar primeiro.

Ouves ? eu amo-te. Inda não sentiste
A mão que acarecia a sombra tua ?
Meu amor é o scismar da fera triste,
Fitando estúpida o clarão da lua...

(1865)




Consente ...

Oh! deixa aquecer-te ao calor de meu peito,
Derrama os cabellos por cima de mim,
De flores e sonhos forremos o leito,
N'um beijo esvaídos... morramos assim!

E Deus, que nos visse na campa dormindo,
Vedara que as auras nos fossem bulir;
E aos anjos inquietos dissera sorrindo:
São noivos ainda, deixai-os dormir!...

(1864)



Impossível . . .

Ver-te chorar ! . . . E não poder prostrar-me
Dos olhos teus ao infantil quebranto,
E, como o orvalho da manhã nos campos,
Nas minhas barbas imbeber-te o pranto ! . . .

Ver-te chorar ! . . . E não poder as lagrimas,
Que tu vertias com vergineo pejo
N'um cofre d'ouro recolhel-as todas,
Seccal-as todas no calor de um beijo ! . . .

Que beijo ! . . . O echo dos abysmos d'alma,
Se abrindo aos raios da belleza tua . . .
Um beijo enorme de oceano immenso
Na branca praia, solitaria e nua !

.....

Tu trazes fitas nos cabellos negros,
Nos seios quentes o calor dos ninhos,
Na fronte a sombra do cahir das tardes,
Flores na mão, no coração espinhos . . .

(1875)



Leocadia

Livro de luz em que o Senhor medita
E ás mãos dos anjos não é dado abrir,
Onde as estrellas aprenderam juntas
Com as rosas puras a chorar e a rir,
Alma que dá-se em alimento ás flores
De cuja essencia a criação trescala,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
A voz da santa que do céu vos falla,

Vós sois na terra a encarnação brilhante
Do sacro amor que a vossos paes adita,
Rutila estrophe de um poema d'ouro,
Livro de luz em que o Senhor medita . . .
Lagrima d'alva que no seio cálido
Da nuvem rubra vos deixou cahir,
Pagina alvissima em que Deus escreve
E ás mãos dos anjes não é dado abrir,

Virgem serena a cujos olhos timidos
A lua gosta de fazer perguntas,
Biblia celeste de mysterios castos,
Onde as estrellas aprenderam juntas,
Com as brisas tenues a dizer as queixas
De alguma dôr que só Deus pôde ouvir,
Com as ondas cerulas, com as auroras pallidas,
Com as rosas puras a chorar e a rir,

Fronte em que passam d'outro mundo as seismas,
Rosto banhado em matinaes albores,
Peito onde arquejam do infinito as vagas,
Alma que dá-se em alimento ás flores,
Mimo do sol, que vos attrahe os raios,
E as vossas graças pelo céo propala,
Vós sois a alvura dos eternos lyrios,
De cuja essencia a criação trescala. . .

E quão piedosas não serão as preces
Dos vossos labios divinaes, risonhos! . . .
Tranças esparsas, joelhada, extatica,
Ingenua e candida, escutando em sonhos,
Por entre os cantos das espheras lucidas,
E os ais sentidos que o universo exhala,
E os sons mellifluos do psalterio angelico,
A voz da santa que do céo vos falla! . . .

(1867)



Dize-me sempre

Que te custa uma phrase, um consolo,
Para o meu coração que padece,
Por afago pisar sobre a juba
Do leão que a teus pés adormece ?

Que te custa enganar-me fallando,
Si a tua alma por mim não suspira ?
Quero ouvir-te dizer que me amas,
Inda mesmo que seja mentira !...

(1860)



Oh ! isto mata . . .

Não tenho forças para tanta luta,
Luta d'archanjo, que si mais um raio
Do seio ardente me lançares caio ;
Que eu já não posso com teu meigo olhar.
Por ti sem vida, abandonado á sorte,
Gosto das noites, que me causam medo ;
Gosto da rosa, que me espinha o dedo ;
Gosto de tudo que me faz chorar.


Carpindo magoas que comprimo n'alma,
Gemendo queixas de fatal desgosto,
Não sei que nevoa te passou no rosto,
Não sei que sombra nos teus olhos vi . . .
Mandas que eu fuja, que não mais te adore ?
Temes que um sonho revelado seja ?
Queres que eu morra, que não mais te veja ?
Pois bem ; não temas : fugirei de ti .

De ti, de mim . . . que pensarão as rosas,
Quando ao correr das virações macias,
Das tardes frescas nas mansões sombrias,
Me virem triste, lacrimoso a sós ? ! . . .

Oh! isto mata ! . . . O que respondo ás flores,
Quando, insensíveis a meu longo pranto,
Disserem rindo qu'ê do teu encanto ?
Que é da criança mais gentil que nós ?

Talvez cuidasses que pudesse amar-te . . .
 Não que o teu nome nem sequer profiro !
 Foi-te contado por algum suspiro,
 Por algum astro, por alguma flor ?
 Quem é que veio devassar mysterios
 Na gruta opaca do meu pensamento ?
 É falso ; é falso o que te disse o vento . . .
 Mentio a estrella que fallou de amor . . .

(1866)



Como é bom ! cantai...

Cantai, felizes, para quem deslisam
Do céo as ondas, insensíveis, mansas...
Colhei as graças, despredei as tranças
Do anjo que é vosso ... Como é bom! cantai...
Vós outros, loucos, que de labios puros
Nem voz de amor, nem um suspiro ouvistes,
Na propria sombra mergulhando tristes,
Nunca entendidos, que fazer? — chorai.

Chorai commigo, coraçãoes doentes,
Lentos, cançados de amorosa lida;
Pobres de gozo, no festim da vida
Nem um sorriso ... só nos coube a dôr...
Mas o martyrio fez voar minh'alma
Do affecto puro á região serena,
Que já não troco a minha doce pena
Pelas delicias de um ditoso amor.

Vamos ; que importa ? morrerei fitando
A idéa eterna que accendi na mente,
Sinto acabar-me ; desgostoso e crente
Da morte o vôo sussurrar ouvi :
Basta, Hermengarda, o impossivel mata !
Laura, a teus pés um coração é pouco...
Abre-me o carcere, Leonor, 'stou louco !
Desço ao inferno, Beatriz, por ti.

(1867)

Tu me entendes . . .

Pódes rir e não crêr no que soffro,
Nem ouvidos prestar aos meus ais,
E o festão de esperanças fagueiras
Desfolhar-me na face ; inda mais . . .

Pódes vir laurear-me de espinhos,
Sem que o pobre uma queixa profira,
Vêr-me triste e dizer : que loucura !
Vêr-me louco e dizer : é mentira !

Podes, bella, a meus olhos caçados,
Que sem ver-te na sombra fallecem,
Ordenar que não ousem fitar-te,
Que os meus olhos chorando obedecem .

Mas querer que minha alma te esqueça,
Mas dar ordens ao meu coração,
Mas impôr-lhe que deixe de amar-te,
Proibir-me que soffra ? ! . . . isso não !

Meu amor, este amor que me mata,
De minh'alma no seio profundo,
Traduzindo o silencio dos astros,
Encerrando a grandeza do mundo,

É a onda que vem bem de longe,
Que não geme sequer, nem murmura,
Dos meus olhos trazendo a tristeza,
Dos teos labios a doce frescura.

É o susto da flor que descora
Por um beijo do sol que lhe offende ;
O segredo de brando favonio,
Que suspira e ninguem comprehende.

È a gloria do mar que se ufana
De apanhar a botina e a meia
Da donzella, que foi por brinquedo
Descalçar um pézinho na areia .


É o orgulho da vaga empolada,
Que se julga mais rica e ditosa
De embalar uma lagrima d'anjo
No batel de uma folha de rosa .

Meu amor é a rola selvagem
De um cabello prendida no laço :
É o lyrio que diz: não me mates !
Ao tufão que lhe diz: eu te abraço !

Mas tu foges de mim!... ouve, espera...
Si procuras saber quem eu sou,
Diga o anjo que sempre commigo
Minhas mogoas sentio e chorou.

Diga o céo a quem conto os meus sonhos,
A quem dou para ver e guardar
Meu thesouro de lagrimas puras
Que as angustias me querem roubar.

(1867)



Ideia

Amo-te muito. Não temas
Que possa dizel-o. Espera . . .
Comtigo a sós eu quizera
Beijar as mãos do Senhor ;
No ninho das rôlas castas,
No calix das flores puras
Guardar as nossas ternuras,
O nosso morrer . . . de amor.

Quizera aquecer-te n'alma
Candida, meiga avezinha,
Unida ao meu peito, minha . . .
Como dizer ? . . . minha irman ;
Comtigo brincar á tarde
Na mesma sombra florida,
Respirar a mesma vida
Nos perfumes da manhan.

E á noite quando medito,
Quando as lagrimas enchugo
No fogo de um verso de Hugo,
Mais duravel que um trophéo,
Pudera ver-te a meu lado
Chegar anciosa e louca,
E dar-me na tua bocca
Alguma cousa do céo.

Pudera ver-te mimosa,
Com a trança desfeita, esparsa,
Movendo as roupas de garça,
Nos meus segredos bulir,
Juntando ao calor, á vida
Do livro amado, que leio,
O palpitar de teu seio,
E a graça de teu sorrir .

Só tu puderas, passando,
Qual um aroma aos ruidos
De harmoniosos vestidos,
Meu coração acordar,
Derramando enternecida
De amor, de candidos zelos,
O cheiro dos teus cabellos
No fundo do meu pensar.

(1865)

Criança

Em terra e fragil vergonta
De uns treze annos que tem,
Agora é que a alma disponenta
No viço e no olhar . . . pois bem !

E se eu a chamo menina,
Ella me chama senhor !
Si eu a toco, ella s'enclina . . .
Será respeito, ou amor ?

(1854)



Sempre bella

Na luta pela vida, illuminada
De uns lindos olhos ao clarão divino,
Diz o tempo á belleza : — eu te devoro !...
E a belleza responde : eu — te domino !...

O tempo curva-se ao poder mais forte .
Das bellas, como vós, é esta a gloria :
— Onde murcha uma flor, mil flores brotam,
E sempre assim repete-se a victoria ...

(1877)



Varição á Heine

Donde vem que por ti sinto-me forte,
Capaz de expôr-me a epicos perigos,
Si nos tratamos como indifferentes,
E olhamo-nos até como inimigos ?

Porque, ao ver-te, descoro e tremo e calo-me?
Só porque amar é lei da humanidade ?
Não sei disso ; o que sei é que tens força
De prolongar a minha mocidade.

Viver é ter paixões. Emquanto n'alma
Borbulhar-me sedento este desejo,
Que me sustenta, de abraçar-te um dia,
E sugar-te da bocca o mel de um beijo,

Não murcha no meu peito a flor da vida,
Que sempre rórida a teus pés deponho ...
Já vês como te adoro ; e, todavia,
Não nos fallamos, nem siquer em sonho !

(1879)



Penso em ti

Perdôa, si, nas horas que se embebem
No coração mais cheias de amargura,
Mais pesadas de amor e de saudade,
Penso em ti . . . Do teu seio moduloso
Sinto a onda empolada em ancias doces
Quebrar-se junto a mim.

Oh! minha estrella,
Noiva dos lyrios, perola celeste,
Lagrima d'anjo sobre mim chorada,
Que te somes no fundo de minh'alma,
Perdôa, si, nas horas do repouso,
Quando da morte me deslumbra o riso,
Tenho desejos tímidos de vêr-te ;
Que não agaste do teu anjo as azas,
Que não te acorde ; — de invejar-te o sonho.
E dar-te um beijo na mãozinha casta
Que deixaste pender fóra do leito . . .

Perdôa ainda, si arroubado, insomne,
Quando na testa do levante pallido
Menos bella que tu a alva fulgura,
Ruminando a doçura do teu nome,
Nos perfumes, nos bafos matutinos,
Vagos longes de um cantico ineffavel,
Que vem do céo, aspiro a essencia tua . . .

Oh ! não poder-te amar com mais candura !...
 Si este ancioso querer e louco anhelô
 Não é amor que se revele aos anjos,
 Porque não tenho um coração mais puro ?

Cego inditoso, que adormido sonha
 Beijar-lhe os olhos peregrina imagem,
 Acorda e sente o odôr... palpando as vestes
 Do sonho certo, que lhe diz : olhai-me !
 Blasphema, estorce-se e não pôde vê-lo !...
 Que horrivel trance ! E é assim que eu te amo,
 É assim que te adoro, e não te beijo,
 Que não posso dizer-te, e nesta luta,
 Rindo assisto aos combates tenebrosos
 Que se dão na minh'alma, e, sempre amando,
 Nem dos meus olhos este amor confio...

*
 * *

Quizera, virgem, que meus versos debeis,
 Meus pensares ao ar soltos, perdidos,
 De mistura com as auras vespertinas,
 Modulassem de manso — aos teus ouvidos ;

Que fallassem do céo, da tarde limpida,
 Derramando em tua alma um vago enleio ;
 Que tu pudesses entendendo as queixas,
 Meus versos, tímida, esconder no seio.

E como a santa da legenda, quando,
 Cortando o vôo á virginaes amores,
 Teu pae acaso perguntasse : filha,
 Que tens no seio ? respondesses : — flores.

*
 * *

Quizera a teu lado chorar de ternura,
Dizer : que ventura !
Meu bem ;
Guardar em tua bocca, esse cofre de gemmas,
Minh'alma ; não temas,
Que tem ? !

Em lendo estas phrases, do mar na bafagem,
Nos beijos que a aragem
Te dá,
Teu anjo suspira : não vês que é contigo !
Tu dizes : commigo ?..
Será ?..

E attenta a scismar, murmurando sózinha :
Meu peito adivinha,
Sou eu ...
Qu'ê d'elle ? perguntas, e o vento que passa
Dirá : que desgraça !
Morreu ...

(1865)



Quando nasceste

Nós as estrellas, que no céu pensamos,
As folhas mortas, que no pó jazemos,
Os olhos tristes, que já não choramos . . .
Ah ! que ventura de chorar perdemos ;
De orvalho as gottas, pelo chão bebidas,
Porque em seu calix não nos quiz a flor,
Banhar-nos do anjo no clarão viemos,
E nossas preces a seus pés depôr . . .

As auras frescas, de bem longe vindas,
Que a bocca rubra da criança abrimos,
Nem lhe passamos pelas faces lindas,
Que temos pena de levar-lhe os mimos ;
As rosas murchas, por ninguem colhidas,
Que inda podemos reviver de amor,
Banhar-nos do anjo no clarão viemos,
E nossas preces a seus pés depôr . . .

Assim teu astro, nas ceruleas dobras
Do manto eterno, mais e mais fulgura ;
Nasceste bella, como são as obras,
Todas as obras, em que Deus seapura.
E nesta hora em que nasceste, bella,
E a terra encheu-se dos fulgores teus,
O mar revolto era um bater de palmas,
E o céu azul era a attenção de Deus.

Lembram-se as flores, que sentiram quentes
No seio a força desse novo encanto,
Mais o calor de um coração ardente,
Que se alimenta de ternura e pranto ;
Lembram-se as flores que aos ouvidos d'ellas
Chegaram tenues os vagidos teus :
E o mar revolto era um bater de palmas,
E o céo azul era a attenção de Deus ...

(1866)



E nem te importas...

Na selva longe entre espinhos
Minh'alma sonha e medita.
Desta ave, que geme afflicta,
Que em balde tenta voar,
Desta flor, que morre aos poucos,
Não podem vagos queixumes,
Transformados em perfumes,
Ao teu olfato chegar.

E eu scismo á beira dos lagos,
E eu erro em sombrios valles,
E digo ao ermo : não falles
Do meu tormento a ninguem.
Suffoco no intimo abysmo
Um nome que não profiro ;
Que o meu ultimo suspiro
Póde escapar-me tambem.

Não sabes disso ; entretanto,
Tremem-te as fibras mimosas
Por um desmaio das rosas,
Por um soluço do mar. . .
Por um gemido da lymphá,
Que pela veiga deslisa,
Por um gracejo da brisa,
Tu és capaz de chorar . . .

Mas de quem soffre, não ouves,
Não ouves as serias preces;
Ah ! talvez no peito aqueces
Contra mim frios desdens:
Palpitas por uma sombra,
Por uma flôr que descora,
Mas por uma alma, que chora,
Nem uma lagrima tens ?

Féres e não te incommodas ! . . .
É o que faz a criança,
Que os passarinhos não cança
De espantar e perseguir ;
Que em todo viço da infancia,
Cabeça d'anjo, louquinha,
Tira as azas da avezinha,
Torce-a, mata, e põe-se a rir . . .

Será talvez um mysterio,
Que a belleza e a innocencia
São feitas da mesma essencia,
E os mesmos raios contém ?
De unir a rosa ao espinho
Será de Deus um engano . . .
Ou tudo que é sobrehumano,
É deshumano tambem ?

Quiz contar aos lyrios candidos
Da minha dôr o segredo . . .
Quiz contar, e tive medo
Das meninices da flor ! . .

Immenso, mas concentrado,
De fogo, porém discreto,
Como se chama este affecto ?
Como nasceu este amor ?

Este amor, que é minha dita,
Santo amor, que é minha pena,
Nasceu da tarde serena,
Do azul do céu e do mar ;
Nasceu do insenso sagrado ,
Que exala a roupagem tua,
Nasceu de um raio da lua,
E um raio de teu olhar.

Ave, que os vãos ensaias,
Rosa, que mal entreabriste,
Não saibas, por que sou triste,
Archanjo, dá-me a tua mão!
E vós, oh! auras dos prados,
Flores, que abris melindrosas,
Boccas, que rides mimosas,
Soprai no meu coração . . .

(1867)



Philippa

Oh ! tu, que abriste no meu peito esteril
Fontes de amor e virginal ternura,
Intima essencia das manhãs cheirosas,
Lyrio animado de infantil candura ;

Idéa, encanto, lucidez dos anjos,
Pallido sonho de saudades feito,
Por ti definho . . . vem tocar mais perto
A dôr occulta, que me rasga o peito.

Podem teus olhos, que deslumbram fulgidos,
Quando entre os astros fulguerosos tremem,
Saber a causa, por que a lua é triste ;
Por que a alma chora, por que as rolas gemem . . .

Mas não puderam, por desdita minha,
Sondar o germen desta magoa infinda ;
Mas não puderam, penetrantes, vividos,
Teus meigos olhos entender-me ainda !

E eu tenho n'alma, para dar-te, o aroma
De innotas flores que ninguem sentio,
Como no fundo dos espaços brilham
Milhões de mundos que inda não se vio.

E eu tenho n'alma a vibração eterna
D'harpas, que ao longe soluçar ouvi ;
Tenho os suspiros, o bater das azas,
Talvez de um genio, que morreu por ti.

Mas tu não sabes o que sinto ! Escuta
O verbo augusto, que direi tremendo ;
Ultima nota que do peito as cordas,
Por ti quebradas, soltarão morrendo . . .

Eu te amo ! Attende : e deste amor, que eu calo,
Por premio e gloria, só imploro a Deus
Na terra — um pouco de silencio . . . nada ;
No céo — a graça dos sorrisos teus . . .

(1865)



Lutas d'alma

Como é sublime o combater de uma alma,
Que abrio as azas aos tufões da sorte !
Leva no seio um oceano amargo,
Transcende as nuvens soberana e forte ;
Toma-lhe o vento as esperanças todas,
Mas não succumbe, mas não foge á morte . . .
Como é sublime o combater de uma alma,
Que abrio as azas aos tufões da sorte !

Sim ! E que importa que na fronte curva
Presinta o frio de funerea lagem ? !
De uma tristeza no fatal suspiro,
De uma lembrança na veloz passagem,
Escuto ao longe o coração, que bate,
E a voz de um anjo, que me diz : coragem !
Sim ! E que importa que na fronte curva
Presinta o frio de funerea lagem ? !

Sorte maldita, que me tens ferido,
Tu me venceste, mas eu não me entrego !
Na mente escura, como o vasto globo
Da noite negra tacteando cego,
Encontro as crenças de futuras glorias,
Que hão de valer-me, porque as não renego . . .
Sorte maldita, que me feres n'alma,
Tu me venceste , mas eu não me entrego !

Possa meu pranto fecundar a terra,
Donde rebentam da piedade as flores ;
E tu, que assistes de minha alma ás lutas,
Sê compassiva para tantas dores.
Morta a palavra pelo soffrimento,
Perdido o riso pelos dissabores,
Possa meu pranto fecundar a terra,
Donde rebentam da piedade as flores...

(1867)



Jerónima

Junto, bem junto á região dos sonhos
Ergueste o throno da belleza tua ;
Ris, tudo brilha, tudo falla e sente,
O céo trasborda e o coração fluctua.

Nos seios te arde perennal, cheiroso,
Incenso puro de sagrado amor :
Mostras nos olhos, nas feições, nos labios,
A luz de um astro dentro de uma flor.

Lá onde correm, no correr das nuvens,
Genios ethereos, matinaes, risonhos,
Na plaga immensa de estrellados mares,
Junto, bem junto á região dos sonhos ;

Lá onde ousado o pensamento humano,
Querendo entrar ante o clarão recua,
Lá onde apenas meus suspiros chegam,
Ergueste o throno da belleza tua.

Ha no teu rosto uma intenção divina ;
Cremos que és santa; pois que Deus não mente ...
Sahe de tua bocca mysterioso aroma,
Ris, tudo brilha, tudo falla e sente.

Nem ha segredo que medrosa occultes ;
Porque tua alma é uma deusa nua
Que os anjos banham, e na terra em ondas
O céu trasborda e o coração fluctua . . .

Mas ningnem sabe que visões douradas
Enchem teus dias de indisivel gozo:
O sentimento da candura eterna
Nos seios te arde perennal, cheiroso.

Guardas, é certo, para quem no mundo
Tiver mais gloria, mais ditoso fôr,
Guardas no peito, que as paixões não ferem,
Incenso puro de sagrado amor.

Vêr-te . . . é beber uma porção de nectar,
Deixar no espirito immortaes resabios.
O que és, mal pensas; tua origem, bella,
Mostras nos olhos, nas feições, nos labios;

Na fronte clara, sobranceira, altiva,
Nesses desmaios de celeste alvor . . .
Como que Deus em teu corpinho encerra
A luz de um astro dentro de uma flor . . .

(1871)



Porque me feriste?

Bem como as rosas em botão fechadas,
Á espera d'alva, que lhes venha abrir,
No peito magoas, a doer caladas,
Pedem um raio para as expandir.
Fita-me, eu quero do martyrio santo,
Que o céo me outorga, offerecer-te a palma ;
Deixa em teus olhos depurar minh'alma,
E em teus cabellos enchugar meu pranto.


Desde que, ao ver-te ajoelhei-me absorto,
E á hora extrema coração bateu,
Meu pensamento, qual um raio morto,
Cahio-te aos pés e nunca mais se ergueu.
Quiz perguntar-te : por que me feriste ? ...
Fitei-te os olhos e tremi de medo ...
Tive reccio de morrer tão cedo,
Tendo o desgosto de viver tão triste ...

Tu, que sorrindo minha fronte abrasas,
Por que não deixas que te possa amar ?
Eu dispensara do meu anjo as azas,
Bastara um anjo para nos guardar.
Fórma visível de minha alma errante,
Que o meu penoso coração dedilhas ...
Oh ! minha estrella, que de longe brilhas,
Nada te importa que eu soluce ou cante !

Para em teu seio penetrar á furto,
E haurir o orvalho da pureza em flor,
Longo . . . infinito . . . o pensamento é curto,
Curtos os vôos do meu casto amor.
Quantas e quantas já lá vão perdidas
Lagrimas d'alma, que se quebra em ancias !
Pude nos sonhos aspirar fragrancias . . .
E achei as rosas de manhã cahidas !

Ai ! deste amor o anciar dorido
Cubra, suffoque do mysterio o véo.
Genio dos anjos, si te amei perdido,
Não rias, ouve : dir-to-hei no céo . . .
Fita-me; eu quero acrisolado e santo,
Do meu tormento offerecer-te a palma,
Deixa em teus olhos depurar minha alma,
E em teus cabellos enchugar meu pranto.

(1867)



Amalia

(N'UM ALBUM)

Que vem fazer em pagina tão alva
Uma idéa mortal, humana, impropria,
Como em fronte infantil ruga sombria ?
Ah ! si ao appello de teus olhos serios
Responde tudo, que palpita e brilha ;
A flor, a estrella, o coração respondem
N'um canto vago, immaculado, ethereo ;
Possa, minh'alma ennevoadada, agreste,
De um nome angelico atirar as syllabas
Ao mar, ao céo, á luz, ao vento, ás águias,
Capazes de apanhar a poeira fulgida
Do chão que pisas, e, n'um vôo celeste,
Ir, por brinquedo, sacudir as azas
No seio branco da mais linda nuvem...

*
* *

Feito de riso e doçura,
Aura do céo respiravel,
Teu nome santo, ineffavel,
Tão puro, que os labios meus
Têm susto de proferil-o,
Desperdiçar-lhe os odores,
Amalia !.. é o abrir das flores
Pronunciado por Deus !

Bem como do sol projectam-se
Os longos raios na lua,
Dardeja na face tua
Paterno olhar do Senhor.
Nem sei o que é mais visível,
Si do teu rosto a lindeza,
Do teu corpo a subtileza,
Ou da tua alma o candor !...

Mas é verdade que soffres ?...
Tão moça,—soffres tão cêdo !
Dize : que angelico dedo
Bolio-te no coração ?
Ou foi a aragem da tarde,
Que o teu bordado de sonhos,
Esperançosos, risonhos,
Arrebatou-te da mão ?

Dize : — no céo, nas esferas,
Fitaste um olhar mais triste ?..
Tão terna ás flores sorriste,
Que a alma puderam-te ver ?
Pois as flores todas, todas,
Já sabem do teu segredo,
E si ellas sabem ... tem medo,
Que as aves queiram saber.

Os ninhos não são capazes
De esconder este mysterio ;
Nem mesmo o tumulo é serio,
Para guardar esta dôr...

As rosas não são amigas,
A quem abras o teu peito,
Cruéis que dizem : bem feito,
Quem te mandou ter amor ?

*
* *

De um peito debil nos sonóros rythmos,
Como que se ouve o tropear de instantes,
Que vão correndo fugitivos, trepidos...
Não ouças : — canta. Que disse eu ? não cantes !
Não ; não recebas do piano os bafos,
Que são veneno para a tua dor :
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Dizem que as serpes habitar costumam
Ninhos sem aves, por ahi desertos ;
E a morte gosta de beijar os seios,
Que as magoas deixam para os céos abertos.
Não penses nisso ; em tua fronte limpida
Corre da vida o matinal frescor :
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Como se calam da esperança es hymnos,
Ruido d'azas, que ao teu lado ouviste !..
Ao céo perguntas : por que morre a virgem ?
E o céo te escuta n'um silencio triste...
É que tens medo de fechar os olhos,
Cerrar os labios, e perder a côr...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Tudo faz mal ao coração : — a folha,
Que cahe, o ramo, que estremece, a vaga,
Que geme á tarde, uma lembrança ao longe,
Um raio tremulo, um olhar, que afaga ;
Tudo faz mal ao coração : — a aurora,
O riso, o pranto, o desfolhar da flor . . .
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

(1864)



Tão longe assim...

Quando no peito mais a dor se entranha,
Quando as saudades me atormentam mais,
Despido archanjo, que na luz se banha,
Dormes, não ouves de quem te ama os ais!..
Sem ver que rolam sobre as faces tuas
Lagrimas quentes de abafado choro,
Boias no lago, em que as deidades nuas
Lavam cantando seus vestidos de ouro.

Sonhas ; no sonho, o coração fallando ;
Na bocca... o orvalho de um sorriso lindo...
E os astros tremem de te ver boiando,
Como eu tremera de te ver dormindo !
E vão teu corpo, tua imagem bella
Volvendo as ondas do infinito... além...
E as santas dizem : que florinha aquella,
Que na corrente deslizando vem !...

Tão longe assim ! Das effusões celestes
Sobrenadando no sereno mar,
Feliz o anjo, que te guarda as vestes,
Que estende as azas para te embrulhar !
Eu tenho ancias de viver arcando
Com as aguas quentes d'esse mar infindo !..
E os astros tremem de te ver boiando,
Como eu tremera de te ver dormindo.

Na voz penosa de sentidas queixas
Eu sou o arroio, que a teus pés murmura,
E a quem, medrosa, reflectir não deixas
Todo o teu rosto em sua lymphá pura. . .
Passei nas varzeas : — não havia flores ;
Mudei de rumo, pelo val descí ;
Nas minhas selvas não achei verdores,
Tudo era morto de soffrer por ti . . .

(1866)



Não falleis em mim...

E hei de acabar, desventurado e triste,
Fallando aos lyrios, que me não respondem,
Buscando uns olhos que de mim se escondem,
Para não darem-me illusões de amor?
Hei de acabar! . . e do fatal poema . . .
Sim, deste psalmo que a chorar desfiro,
O ultimo verso é o ultimo suspiro,
Suspiro eterno da ineffavel dôr.

Qual brava corça das virentes selvas,
Na sombra occulta a se nutrir de espinhos,
Minh'alma pobre, que não tem carinhos,
Amargas penas na soidão remoe :
Pasmado aos mimos da mulher que adoro,
Visão que abraço pelos raios della,
Transido, soffro á suspirar : oh bella,
O sol que brilha, tambem queima e doe !

Morrer por ella . . . que loucura minha !
Longe, bem longe o seu olhar diviso . . .
Que tenho eu, para pedir-lhe um riso,
Que tenho eu, para adoral-a assim ?
Astros da noite, que fitais-me attentos,
Dizei, dizei que esta paixão me mata,
Mas, por amor, não a chameis ingrata,
Ride com ella, e não falleis em mim . . .

(1866)



Ainda e sempre

Eis-me á borda do abysmo arrastado,
Deste amor aos impulsos fataes ;
E teus olhos, que assim me levaram,
Já parecem dizer : é de mais !

É de mais, bem o sei, a loucura
Com que cego atirei-me a teus pés;
E da poeira de luz, que circumda-te,
Quiz ousado romper através.

Vi-te bella; encarei as estrellas,
Não achei quem dissesse : onde vais ?
E minh'alma perdeu-se nas sombras
De teu negro cabello . . . É de mais ! . . .

Fazes bem; meu amor não tem azas
Para ao longe contigo voar;
Pobre, louco, miserrimo e triste . . .
O que tenho ? o que posso eu te dar ?

Neste cofre de um peito sincero,
Que padece, e não sabe-o ninguem,
Guardo lagrimas ; queres ? não queiras ;
Para que ? pois é só o que tem . . .

Mas as lagrimas valem riquezas
De um affecto que é pena deixar,
Por desdem ou fereza, perdido,
Qual thesouro no fundo do mar.

(1881)



Incredula . . .

Quando refiro-te a porção de sombras
Que o teu cabello me lançou na fronte,
E os ais sentidos que no ermo exhalo,
Pedindo ao ermo que a ninguem os conte ;

Quando te fallo no profundo affecto
Que tua bocca me imprimio no seio,
Teus meigos olhos me respondem timidos:
Como é possível este amor? não creio.

Como é possível?! tens razão... As almas
Não sobem todas á serena altura,
Donde se expellem deste mundo as magoas
E lá mais vivo o coração fulgura.

Não sobem todas. Entretanto eu soffro,
Ninguem percebe a minha dor, — eu choro,
Ninguem conhece do meu pranto ; eu morro,
E tu perguntas com que fim te adoro?!...

Pódes dizer-me com que fim rebentam
Branças boninas no deserto? e as aves,
Que o sol saudam, com que fim gorgeiam,
E acordam d'alma as emoções suaves?.....

A flor das veigas e dos céos a estrella,
Que meigos prantos entre si derramam !
A flor não sobe, nem a estrella desce,
Qual o motivo por que tanto se amam ?

(1872)



Por brincadeira

“ Bem vês, as illusões fugiram-me da mente,
Os sonhos de minha alma o tempo esvaeceu;
Na sombra e no silencio arrasto-me indolente,
Comtudo . . . pensas tu que o coração morreu ?,,

(*Do Auctor*)

Vinde commigo ver essa belleza,
Incarnação do espirito das flores,
Ultima nympha que encontrei perdida,
Solitaria na ilha dos amores.

Como cêra mil vezes depurada,
Realça-lhe o candor da fronte linda ;
— Natureza cruel e demoniaca,
Da familia de Lelia e de Lucinda ; (1)

Bastos, crespos cabellos de mulata,
Sendo ella aliás de pura raça aryana,
Olhos d’aguia, mãozinhas, de criança,
Bocca de rosa e dentes de africana

É esta a imagem que peguei n’um sonho,
Sonho de amor, febril e delirante ;
A mais moça, a mais quente das dez virgens,
A que o reino dos céos é semelhante

(1881)

(1) Referencia á *Lucinda* de Schlegel, digna irmã da *Lelia* — de Sand.

Parte Terceira

PATRIOTICAS

A' Vista do Recife

É a cidade valente,
Brio da altiva nação,
Soberba, illustre, candente
Como uma immensa explosão :
De pedra, ferro e bravura,
De aurora, de formosura,
De gloria, fogo e loucura . . .
Quem é que lhe põe a mão ?

Magoas tem que estão guardadas,
Quando as vingar é sem dó !
Raça das Romas tombadas,
Das Babylonias em pó,
Quer ter louros que reparta ;
Vencer, morrer não lhe farta . . .
Grande, da altura de Sparta,
Affronta o mundo ella só ! . . .

Com os seios entumescidos
Do germen de muito heroe,
Tem nos olhos aguerridos
Fulminia luz que destroe.
Detesta a classe tyranna,
Comsigo mesma inhumana,
Vê seu sangue que espadana,
Ri de raiva, e diz : não doe! . . .

No seu pisar progressivo
Ostenta um certo desdem ;
Suspendendo o collo altivo,
Não rende preito a ninguem.
Lê no céo seu fado escripto,
Quando o Brazil solta um grito,
Franze a testa de granito,
E diz ao estrangeiro : vem !...

Sim, eu vejo ainda a espada
Na tua dextra reluz,
Cabocla civilisada
De pernas e braços nús,
Cidade das galhardias.
Que no teu punho confias,
Coeva de Henrique Dias;
Guerreira da Santa Cruz !

Estremecida, ridente,
Como que esperas alguem.
Ouves um som de torrente ?
É a grandeza que vem....
Teu halito alimpa os ares,
Por cima do azul dos mares
Prolongam-se os teus olhares,
Que vão namorar além ...

Não te pegam em descuido;
Teu movimento é fatal.
E a liberdade, esse fluido,
Que fórma o gladio, o punhal,

Nos teus contornos ondula,
Nas tuas veias circula,
E vai chocar-te a medula,
Dos ossos de pedra e cal.

É um lidar incessante :
Cai-te da frente o suor ;
Ferve tua alma brilhante,
E tudo é bello em redor.
O assombro lambe-te a planta,
Na estrella, que se alevanta,
Pousado o teu genio canta :
Vai ser do mundo a maior !

Tens aberta a tua historia :
Laboras como um crysol ;
Como um estygma de gloria,
Nos hombros queima-te o sol.
A guerra, a guerra é teu cio,
Fera !... O estrangeiro frio
Se aquece ao beijo macio
Dos teus labios de arrebol.

Assopras nas grandes tubas,
Que despertam as nações ;
Eriçam-se as ferreas jubas,
Uivam as revoluções ...
Teus edificios dourados
Vão-se erguendo penetrados
Da voz dos Nunes Machados,
Do grito dos Camarões !...

Com a morte bebes a vida ;
Não te abalas, não te does !...
De ouro e luz sempre nutrida,
Novas idéas remoes.
É que á voz das liberdades,
Calcadas as potestades,
Germinam, brotam cidades
Do sepulchro dos heroes !

Possa a coragem de novo,
Teu bafo ardente inspirar,
E a gloria sahir do povo,
Como tu surges do mar
O coração te o adivinha,
De fome o ferro definha,
Ruge o gladio na bainha,
Como na gruta o jaguar

Sejam meus votos aceitos :
Dá-me ver tuas acções,
Dá-me sugar esses peitos,
Que amamentaram leões
Sahiste nua das matas,
Não temes, não te recatas,
Contra a frota dos piratas
Açula os teus aquilões

(1862)



Os Voluntarios Pernambucanos

Já fomos a gente ousada
Que um mundo virgem produz ;
Já vio a Europa assustada
Settas e caboclos nús
Pularem grandes, valentes,
Vermelhos, resplandecentes,
Do abysmo dos occidentes,
Lavados em sangue e luz !...

Hoje a idéa em nossa terra
Fulmina a espada voraz :
Que somos ? Lavas de guerra,
Petrificadas em paz ;
E pois não venham ignavos
Na lingua dos ferros bravos
Deixar os amargos travos
Desse horror que o sangue faz.

O Brazil, de coma intonsa,
Dorme e deixa-se afagar ;
Macio qual pello d'onça,
Não no queiram insultar :
Os que repousam nas campas,
Sentem que o vento dos pampas
Lhes açoita as aureas lampas,
E os faz com raiva acordar !...

Para estes vultos brilhantes
Morrer... é não combater ;
É appear-se uns instantes,
Do valle ao fundo descer,
Fitar a noite estrellada,
E á espera d'outra alvorada,
Dormir nos copos da espada,
Deixando o sangue escorrer !

Que atletas ! que espectros grandes !
Lá por onde o sol tombou,
No topo altivo dos Andes
Um cavalleiro estacou...
Susurram vãos angelicos,
Lambem-se os gladios famelicos,
Dir-se-hiam relinchos bellicos
Que o bronzeo corsel soltou !...

Muita coragem, que dorme,
Desperta da guerra ao som :
Fumega o banquete enorme
De ferro e fogo ! Está bom !...
Tudo ri, palpita, avança...
Que o rei tambem tome a lança,
Si tem brios um Bragança,
Si tem valor um Bourbon !

O povo sacode o somno
Da cabeça que descai :
Senhor ! d'altura do throno
Vêde a mão de vosso pai,

Limpendo todas as frentes,
Passando em montes e montes,
Por cima dos horizontes
À cata do Paraguay !...

E temos peitos vetustos,
Que batem sempre leaes ;
Amagos d'homens robustos,
Que ainda guardam mortaes,
Antigas, ferventes ascas
Do tronco saltam as lascas :
Mazeppas, Arabes, Guascas,
Vêde lá : quem corre mais ?...

No coração desta gente
O bravo suffoca o ai.
Que ferros ! o cedro ingente
De um golpe derreia e cai ;
Ceda a republica insana ;
Si emfim não se desengana,
Espada pernambucana,
Desembainha-te e vai !


Vai tu, que não geras fracos,
Cidade que abres-te aos soes . . .
Cornelia mãe de cem Graccos,
Viuva de oitenta heroes !
Quem ha que o collo te dobre ?
Terrivel, sincera, nobre,
Limpaste as faces de cobre
Das batalhas nos crysoes !

Não falla, não ri, não medra
Comtigo estranha altivez ;
Tu tens nas unhas de pedra
Cabello e trapo hollandez
Teu sopro que accende a gloria,
Suspende a poeira da historia
Em turbilhões de victoria ;
Venceste por uma vez !

Levantas o braço forte
E o raio matas na mão !
Como um aceno de morte,
Os Guararapes lá estão ! . . .
Volupias de fogo exhalas,
As petreas juntas estralas,
E pões-te a salvo das balas
Por detrás de Camarão.

Guerreiro a morrer affeito
Defende o Brazil, que é seu ;
A hora sôa no peito,
A cicatriz é tropheu.
Da patria as manhãs coradas,
As tardes acabocladadas,
Flores, mulheres amadas,
São estrophes de Tyrteu

(1865)



Os Leões do Norte

(AOS VOLUNTARIOS PERNAMBUCANOS)

Si ha quem possa ter visto em noite lugubre,
De tempestade disposta rugindo,
Nas primitivas solidões das selvas
Estorcerem-se as arvores gigantes,
Em contracções de dôr, rugindo iradas,
E ao abrir do relampago, estalando
Altos cedros que o raio despedaça,
Passar um vulto de caboclo impavido,
Sacudindo os cabellos, indomavel,
Atrás das feras desparando settas,
Grande, rebelde ás leis da natureza;
Si alguém já vio, imaginou tal scena,
Poder-me-ha dizer que dessa tempera
Só ha, seguindo sempre a sua origem,
Fortes, fortes assim do norte os filhos,
Quando atiram-se rigidos, invictos
Nas procellas crueis que as armas fazem,
E embrulhados na nuvem tenebrosa,
Com que os encobre o anjo das batalhas,
Sombranceiros á morte que rechaçam,
Galgam da gloria o escarpamento altissimo,
Pelos raios da guerra illuminados ! . . .

Terra de bravos, raça de valentes,
Tu és o punho do gigante imperio !
Terra de bravos, raça de valentes,
Desde quando nos musculôs selvagens,
No solo virgem, no amago dos troncos,
Livre corria do Brazil a seiva ;
Desde quando rugiam nas florestas
A torrente, o caboclo, a onça, o vento . . .
Desde o arco encurvado por Tabira,
Té o gladio brandido por Lamenha !
Só este nome encerra uma epopéa ;
Pois que de quantos houve heroes honrados,
Que ainda ha pouco a patria ennobreciam,
Que suffocados no silencio eterno,
Fumegantes ainda dos combates,
Como os leões a pernoitar nas grutas,
Recolheram-se aos tumulos . . . foi elle,
Que, ajustando o valor com a lealdade,
Sob o azul deste céu lançou mais brilho,
Fez mais rapido a orbita da espada !

Só Pernambuco tem destes modelos.

Imitemol-os todos, imitai-os,
Vós, que tendes no peito ardendo occulta
D'almas brios a flamma inextinguivel,
Para brilhar n'um dia de vigança . . .

O que ha de illustre, glorioso e bello,
Que dirige-se á nós, ao nosso mundo,
Longe no abysmo do porvir immenso,
Branqueando como a vela de Colombo,
Só avista-se bem, só se descobre

De cima desses tumulos heroicos,
Promontorios do mar da eternidade. . .
Imitemol-os todos, imitai-os,
Vós, que a patria podeis salvar do opprobrio ;
Vós, que daqui sahis, deixai que eu diga,
Inexperitos, incognitos, pequenos,
E amanhã vos tornais grandes, esplendidos,
Da victoria ao clarão transfigurados !

É mister que o Brazil, se erguendo altivo,
Despreze de uma vez, não mais aceite
Os apertos de mão, que lhe prodiga
D'além do mar a perfida amizade.
O mundo sabe a nossa historia. Tudo
Que ha de heroico entre nós tambem foi feito .
Quem duvida ? O oceano interpellado
É capaz de attestar esta verdade,
Arrojando indignado em nossas plagas
Armas, destroços e almirantes batavos !...

Ide varrer o Sul, tufões do Norte !
O Deus de Camarão vos abençoâ.
E Olinda, a triste, a pensativa Olinda,
Tem mais um pranto, que chorar de gloria,
E um facto que contar aos vossos netos. . .

(1865)



Sete de Setembro

Quando os céos limpos, attentos,
Fallavam com as solidões
Cheias de estremecimentos,
De vastas palpitações ;
No dia em que o luso Diogo
Tornou-se o homem de fogo,
Que a taba curva adorou,
De frente encarando o raio,
Houve um que disse : — não caio !...
E rio-se, e não se curvou !

Era um irmão de Moema,
Que amava Paraguassú ;
Ergueu fronte suprema
E disse ao luso : o que és tú ?
Vio toda a tribu prostrada...
Fugio ; e a setta irritada
Que elle atirou para o ar,
Varando através dos annos,
No coração dos tyrannos
Ha de um dia se cravar...


Rolam os astros, os dias,
E o grande dia não vem :
Cada povo o seu Messias
Aguarda, espera tambem ;

Supporta, suspira, aneia
Pelo homem, pela ideia,
Que passa e se faz nação ...
Para que tudo estremeça,
Basta erguer-se uma cabeça,
Cheia da revolução ! ...

Ergueu-se : foi decepada.
Ergueu-se outra, cahio.
Mais outra : ainda calcada...
Ao longe um brado se ouviu !
Era o espirito das matas,
Os turbilhões democratas
Que a liberdade produz,
Fazendo os thronos vergarem,
E os reis se descoroarem,
Cortejando a nova luz

Mais de uma frente abatida,
Sangrenta, humilde no pó,
Suspendeu-se esclarecida
À luz deste dia só.
E todos que despertaram
Com o ferro em punho, esbarraram...
Porque Deus, que ama os perdões,
Disse aos livres que rugiam,
Que inda vingar-se queriam:
Tranquillistai-vos, leões !

(1865)



Em nome d'uma Pernambucana

Nas unhas de ferro de infames rapaces
Lá morre o soldado que a patria enviou !
Por elle uma lagrima inunda que faces !
Si ainda ha quem vacille, quem diga : não vou !..

Assim é que a vida se cobre de flores,
De beijos, de risos, de dias caudaes
Dest'arte é que vamos a ser uns senhores
Galantes, mofinos, covardes, banaes !

Ruido nos mares . . . clarão no horizonte
Os nossos murmuram : são elles que vem !
Por cima das serras lampeja uma frente
É o sol que levanta-se, é nada, ninguém !

Que é desses valentes, que abraçam as glorias,
Que plantam cidades nos seus mausoléos ?
Oh ! vinde esaldar-vos ao sol das victorias,
Espadas geladas no fundo dos céos !

*
* *

Volvem-se os ossos da historia,
Olha-se em torno ninguém !
És o eclipse de uma gloria
Em pleno dia . . . pois bem !

Impetos d'almas ardentes,
Corações, forças, torrentes,
Vós todos, que cavalgais
De um pulo os corseis da morte,
Guerreiros, ventos do norte,
Deus de Vieira, onde estaes ?

De suas irmãs aos gemidos,
A mais valente, pasmae !
Com as mãos tapando os ouvidos,
Responde que lá não vae! ...
Póde Achilles agastado
Sahir, e ver-se vingado ;
Porém tu, cidade, não
Negas a tua phalange ? !
És a bastarda de Orange,
Ou Clara de Camarão ?

Corre da patria em defeza :
Fé no triumpho que vem.
Diante de tua grandeza
Eu me engrandeço tambem.
Vê do passado as entranhas :
Sepulchros, trophéos, montanhas,
Esqueletos de Titães,
Nomes que os mundos ouviram,
Garras, jubas, que inda inspiram
Terror aos rabidos cães !

Sob os seios tumulares
Que heroicas palpitações,
Quando abrem-se em nossos ares
As azas dos batalhões !

São esses de peito forte,
Meio engolidos da morte,
Sublimes, descommunaes,
Que o golphão da noite escura
Some-os até a cintura,
Sómente, não póde mais.

Emmudecidos, guardados,
Por que não querem luzir
Corações acrysolados
No brasileiro sentir? !
Que gelo em torrida zona !
Do Deus, que nos abandona,
Vingai-nos, velhos heroes :
Vossas testas sãc levantes,
Lavae as barbas, gigantes,
No sangue dos arreboes . . .

Os mortos eil-os na frente !
E os vivos onde é que estão ?
Que quer o povo ? que sente ?
Medo de morrer ? oh ! não !
Morrer é soltar um grito,
Que rola pelo infinito,
Terrivel, terrivel sim !
E o nome, o valor subido,
A gloria, a fama, é o ruido
Daquelle rolar sem fim.

(1865)



Versos escriptos n'um dia nacional

È mais um dia azul, um astro de ouro,
Que passa e volta nos vaivens do tempo,
Onda que arroja a eternidade limpida,
Banhando de esplendor a face augusta
Da nação, que se mostra ousada e forte...

São palmas para ti, terra fecunda
De valentes e bons. São palmas tuas,
Terra em que o sol e Deus são populares,
Joven patria de heroes !

Que outros te vejam
Grande, estendida vastidão, prostrada
Do Amazonas ao Prata em somno estúpido ...
Quero ver-te de pé ; pisando em nuvens !
Só ergue-te, Brazil, fita mais alto,
E lança a voz aos écos do infinito,
Aos combates, ás lutas gloriosas
Que o futuro longinquo te promette ;
Leva comtigo o teu passado illustre
De robustas acções. Leva comtigo
D'heroes o seculo auroral, brilhante,
Como de Homero os colossaes guerreiros
Meio nús merulhavam nas batalhas,
Com seus mantos de purpura no braço!...

Atira a voz aos écos das alturas ;
E no teu avançar para a conquista
Das estrellas que além te chamam, tendo
Na larga dextra a tocha do progresso ;
Projectando tua sombra sobre os mundos,
Com tua indole propria de cometa,
Ergue o punho, desloca-te do globo
E sacode no espaço os teus cabellos !
Perante os vendavaes os troncos rangem
Á face dos leões a grei se esconde,
Ao grito dos heroes as armas tremem.
Cada guerreiro que por nós combate
É a ira de Deus que se faz homem ;
Tem na espada o relampago, e no peito
O subterraneo palpitar da patria.
Labora a chamma, a serpe se contorce,
A guerra avança, o Paraguay recua ! . . .

Do seculo que passa o genio ousado,
Que conduz as nações ao grande, ao bello,
Definha e morre alli, como um antigo
Prisioneiro de Francia. As ferreas portas
O Brazil vai-lhe abrir, dissera o povo.
Mas nós que combatemos e que amamos
As victorias sem sangue, como auroras
Que não tem arrebol; nós, que vencemos,
Sejamos bons. A obra heroica do homem,
O triumpho, a conquista, o louro, a palma,
Todos os feitos da grandeza humana,
Face á face com Deus, com as obras suas,
Não igualam, não valem na belleza
Uma gotta de orvalho, que scintilla
No calix de uma flôr

No céo, na terra
O que ha de grande, as arvores, as aguas,
A procella com todos os seus raios,
O oceano com toda a sua colera,
Face á face, grandeza por grandeza,
Luta por luta, esforço por esforço,
Tambem não valem, no ideal que encerram,
Uma paixão que esmague-se no peito,
Um só dever cumprido, um grito, um impeto,
No fundó d'alma comprimido e morto!

*
* *

Limpas de sangue as espadas,
Limpos de sangue os trophéos,
De gloria as faces banhadas,
Banhados de gloria os céos;

Açoitam nossos ouvidos
De ethereas harpas os sons . . .
Perdão aos pobres vencidos,
Guerreiros, sejamos bons!

(1865)



Atira a voz aos écos das alturas ;
E no teu avançar para a conquista
Das estrellas que além te chamam, tendo
Na larga dextra a tocha do progresso ;
Projectando tua sombra sobre os mundos,
Com tua indole propria de cometa,
Ergue o punho, desloca-te do globo
E sacode no espaço os teus cabellos !
Perante os vendavaes os troncos rangem
Á face dos leões a grei se esconde,
Ao grito dos heroes as armas tremem.
Cada guerreiro que por nós combate
É a ira de Deus que se faz homem ;
Tem na espada o relampago, e no peito
O subterraneo palpitar da patria.
Labora a chamma, a serpe se contorce,
A guerra avança, o Paraguay recua ! . . .

Do seculo que passa o genio ousado,
Que conduz as nações ao grande, ao bello,
Definha e morre alli, como um antigo
Prisioneiro de Francia. As ferreas portas
O Brazil vai-lhe abrir, dissera o povo.
Mas nós que combatemos e que amamos
As victorias sem sangue, como auroras
Que não tem arrebol; nós, que vencemos,
Sejamos bons. A obra heroica do homem,
O triumpho, a conquista, o louro, a palma,
Todos os feitos da grandeza humana,
Face á face com Deus, com as obras suas,
Não igualam, não valem na belleza
Uma gotta de orvalho, que scintilla
No calix de uma flôr

No céo, na terra
O que ha de grande, as arvores, as aguas,
A procella com todos os seus raios,
O oceano com toda a sua colera,
Face á face, grandeza por grandeza,
Luta por luta, esforço por esforço,
Tambem não valem, no ideal que encerram,
Uma paixão que esmague-se no peito,
Um só dever cumprido, um grito, um impeto,
No fundó d'alma comprimido e morto!

*
* *

Limpas de sangue as espadas,
Limpos de sangue os triphéos,
De gloria as faces banhadas,
Banhados de gloria os céos;

Açoitam nossos ouvidos
De ethereas harpas os sons . . .
Perdão aos pobres vencidos,
Guerreiros, sejamos bons!

(1865)



Capitulação de Montevideó

Juntemos as almas gratas
De collegas e de irmãos ;
O vento que acorda as matas
Nos toma os livros das mãos :
A vida é uma leitura,
E quando a espada fulgura,
Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada
Emquanto se vai morrer . . .

Não permittamos que fallem
Campas illustres por nós :
São grandes, mas já não valem
Phantasmas, sombras de avós.
Si vos cobris de flagícios,
Ociosos, nobres, patricios,
Diz Mario, si nada obraes,
Que importam avoengos brios,
Caducos, mansos e frios,
Raios que não prestam mais ?

Que leio em vossa alma inquieta ?
Quéda de Montevideó :
Tombaste, diz o propheta,
E o raio applaude no céo !

Pernambuco agita a coma,
Irrita-se um pouco e toma
O peso do Paraguay ;
Dá de escarneo uma risada,
Cerra o punho e a sua espada
Desembainha-se e vae...

Já das victorias que correm
Nitrem os rubros corseis,
Os fortes avançam, morrem ;
Erguem-se espectros crueis !
Levam dos gladios terriveis,
Rubidos, quentes, flexiveis,
Como linguas de leões ;
Gritam, a morte se assusta,
Vôa tonta e barafusta
Nas azas dos pavilhões !

E tinem os musculos de aço
Do brasileiro valor ;
O heroe alevanta o braço,
Clamando : esperai, Senhor !
Tudo nosso, nada alheio !...
A sorte van n'este meio
Não ponha o seu pé fatal :
Tendo os auxilios divinos,
Chamar-nos-hão de mofinos !...
Senhor, sêde imparcial !

Bem como os rios valentes,
Que arrojam-se além da foz,
Distinctos, independentes
Das aguas do mar feroz,

Desses que a patria defendem,
E aos sacrificios se rendem,
Guardando os direitos seus,
O vulto impetuoso e forte
Avista-se além da morte,
Não se confunde com Deus...

Esses, que alargam os peitos
E as mãos para sustentar
Vastos planos, altos feitos,
E a fama enorme empolgar,
Da altura precipitados,
Rolam nos céos abraçados
Com suas grandes acções,
Deixando impressos os dedos
Nos poemas, nos rochedos,
Nos bronzes, nos corações !....

(1864)



A Volta dos Voluntarios

Inda tem fogo nos olhos !...
E as armas inda estão quentes !...
A face destes valentes
Faz medo, custa a encarar,
Para não ler as palavras
Que o anjo da guerra imprime
Na frente heroica e sublime
Que elle não pôde curvar !

Palavras fundas e lugubres,
Que traçam esta sentença :
Não achareis recompensa,
Que a lei dos homens não dá . . .
E oxalá que em algum dia,
Tendo saudades da morte
Não clameis : — feliz a sorte
Dos que não voltaram cá !


Que dizes, pendão soberbo,
Trapo de raios e glorias,
Por combates e victorias,
Que ainda fazem tremer,
Esta reliquia de bravos,
Fundidos em altos feitos,
Com a vastidão de seus peitos,
Chegas tu para envolver ?

Não vos lembreis dessas horas
De universal agonia,
Quando, aos ais da artilharia,
Levantam-se os gladios nós ;
O inferno cospe a metralha,
Fuzila o raio mais forte,
Diz a bala : eu sou a morte . . .
Diz a morte : eu sou a luz ! . . .

Entrae, golphadas do abysmo,
Primogenitos da guerra,
Que pisaes de novo a terra
Glorificada por vós.
Desconfiaes do futuro ? !
Não, não ! a patria não mente,
De tudo é ella innocente,
Pois a patria somos nós .

Somos nós que só com flores
Remunerar-vos podemos ;
Si outros titulos não temos
Para dar-vos, não zombeis ! . . .
Á altura que estaes erguidos
Braço d'homem não attinge,
Nem regia dextra vos cinge
Dos louros que merecis

(1870)



Decadencia !

Nós já não temos caracteres nobres,
Nem voz, nem sombra de Catões e Graccos :
O céu tem pena de nos ver tão pobres,
O mar tem raiva de nos ver tão fracos.

Por que não ergue-se o Brazil fecundo,
Por vastas ambições, por fortes brios?...
Que gloria é esta de mostrar ao mundo,
Em vez de grandes homens, — grandes rios?...

Bastas selvas, um céu azul immenso,
Que os corações em flor bafeja e rega ;
Uma terra abrazada, como incenso,
Que do sol no thuribulo fumeja?!

Nada val, si não ha quem se offereça
Para d'alma arrancar-lhe o negro espinho....
Tudo em baixo !... não surge uma cabeça
Em que as altas idéas façam ninho!...


Donde é que teu primor, patria, derivas?
Por que ao orgulho ingenua te abandonas?
Ai !...as outras nações dizem altivas :
Pitt, ou Bismarck ; e nós?... o Amazonas !...

O sceptro é nullo : e os animos languescem
Da indiferença no pesado somno...
Não vêm as horas em que as aguas crescem,
E a onda morde na raiz do throno....

Que o povo falle, isto é, — prenda na bocca
A escuma, a raiva, o fel dos oceanos,
E a braza dos vulcões ! materia pouca
Para cuspir na face dos tyrannos...

Tyrannos?! sim, que matam o progresso,
Que suffocam a luz e o direito,
Para quem toda idéa é um excesso!...
Não ha mais fogo do Brazil no peito!...

(1870)



A' Polonia

Ainda um povo captivo,
Que em luta inutil se esvae!
Da luz o seculo altivo
Encolhe as azas e cae....
Lá soffre a virgem sozinha.
Lhe diz o Cossaco: — és minha!
E a pobre soluça: não!...
Phrase negra, renegada,
Que sahe como uma golphada
De raiva e desesperação.

O mundo vê não lh'importa!
Ninguem que remil-a vá....
Gritam por ella: eil-a morta!
Chama-se um gladio: — não ha!
Abre-se a tumba da historia,
E envolta em trapos de gloria
Vae a Polonia dormir.
Boccas grudadas de medo
Guardem o triste segredo,
Fiquem tyrannos a rir!...

Já são de mais os resabios
Da ira, diz o Senhor . . .
Ai daquelle que em seus labios
Foi lançar o dissabor!

É quando o povo delira,
Bradando altivo: mentira
Crenças, direitos e leis ! . . .
Só é grande a liberdade,
Que sacode a magestade,
E arranca a juba^a dos reis ! . . .

O seu esforço era louco,
Sahio-lhe o ultimo ai . . .
Morrer é esperar um pouco :
Martyres della, esperai . . .
Christã, confia em teus santos;
Que purpurem-se os mantos
Com o sangue dos filhos teus . . .
Não digas : o céu é mudo,
O que ha por vir, veio tudo . . .
Alguem falta vir : é Deus !


Polonia, na tua ossada
Ezequiel soprará;
Ao clarim de uma alvorada
Teu tumulto partir-se-ha.
E tu, maior nesse dia,
Apanhando a sinza fria
Dos que morreram por ti,
Gladío em punho, olhar insano,
Farás o Deus do tyranno
Resuscital-os ahi . . .

Pois que assim morres tão forte,
Deixa-te agora morrer :
Impaciente da morte,
Tu voltarás a viver.

Cabellos e pensamentos
Largados aos quatro ventos,
Dirás ao mundo : venci !
E o despostismo embriagado
Verás a teus pés rojado :
Segura o golpe, Judith !

Cadaver santo e glorioso,
Amam-te os livres de cá ;
Aceita o beijo amoroso
Que o moço imperio te dá.
É livre a nossa bandeira,
Que açoita o ar altaneira
Com as azas do condor;
Nossas almas tem mais fundo :
Por ti . . . um protesto ao mundo . . .
Por ti . . . um voto ao Senhor !

(1864)



A Escravidão

(IMPROVISO)

Si Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o opprime,
Si elle consente esse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancal-os do abysmo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Si não lhe importa o escravo,
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrando assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delirio ineffavel,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus ! . . .

(1868)

A' Viuva e Filhos do Capitão Pedro Affonso

Era n'um dia de gloria,
Passava, tristonha e bella,
Criança de alma singela,
Folha de ethereo jasmim,
As multidões estacaram;
Que o pobre do anginho implume,
Em mavioso queixume,
Passava fallando assim :

“ De minha mãe os cabellos
A dôr da viuvez espalha . . .
Meu pae morreu na batalha,
Grandes da patria, escutae :
Não sei quem é que permite
Que se tenha um máo destino,
Que se soffra tão menino,
Que a gente fique sem pae . . .

Póde ficar nas florestas
Passaro orphão perdido;
Existe um desconhecido,
Que não no deixa morrer ;

Manda ao sol que lance um raio
Para aquecel-o no ninho,
E diz : abre o teu biquinho,
Venho dar-te o que comer.

Dorme no berço a criança,
Que perde o seu pae valente ;
Languede, definha, sente
Falta de paterno amor . . .
Ai ! quando as aves se aquecem
Pelos cuidados divinos,
Não acho bom que os meninos
Chorem de frio, Senhor ! . . .


O caçador das montanhas
Exclama, sondando o ninho,
Que bello ! . . . meu passarinho !
E ao seio crial-o vae :
Não diz o homem que aspira,
Que atrás da gloria se lança,
Bravo ! . . . achei uma criança
Tenra e mimosa, sem pae !

Mas eil-o em seu alto feito
Seguro, impavido e forte . . .
Si indago por sua morte,
Todos me dizem : Teu pae
Foi qual aguia, que morrendo,
Fica n'altura escarpada
Pelas garras pendurada,
Que morre, porém não cae ! . . .”

Calou-se. O povo magoado
O anjo triste abraçava;
E Deus attento escutava
Os ternos queixumes seus;
Por que ha lagrimas tão puras,
Que mal sentidas no mundo,
Fazem lá dos céos no fundo
Franzir a fronte de Deus.

E é quando em prol, em socorro
Do orphão, que é sempre pobre,
Rebentam no peito nobre
Lances de illustres acções;
Por que subito expandindo-se
Um pensamento divino,
Como o frescor matutino,
Penetra os bons corações.

(1867)



Parte Quarta

ESTHETICAS

A' Adelaide do Amaral

Sou grego pequeno e forte
Da força do coração,
Vi de Socrates a morte,
E conversei com Platão ;
Sou grego : — gosto das flores,
Dos perfumes, dos rumores ;
Mas minh'alma inda tem fé ;
Meus instinctos não esmago,
Não sonho, não me embriago
Nos banquetes de Phriné....

Si eu já tivesse um instante
Descrido do teu poder,
Genio, mulher fulminante,
Que o palco fazes tremer,
Louco, sceptico, blasfemo,
Pelo teu raio supremo
Varado no coração,
Cahira humilhado e crente :
Falla Deus da sarça ardente
E o impio grita : perdão !

No meio dos esplendores
Das noites do teu brilhar,
Não perguntes si houve flores
Lançadas no teu altar :
Pergunta aos astros sentidos,
Aos olhos humedecidos,
Si o coração te escutou,
Si as fibras d'alma tremeram,
Si as harpas do céu gemeram,
Si alguma virgem chorou.

*
* *

Quem vive do pensamento
No merencorio retiro,
Que nem um leve suspiro
Deixa do seio escapar ;
Quem tem n'um cofre de estrellas
Seu coração escondido,
Tão molle, tão dolorido,
Que as flores podem magoar ;

Quem tem sua alma queixosa
De Deus envolto em mysterio,
Quem acha que tudo é serio,
Que é serio o pranto da flor ;
Quem fita a noite serena,
Suspenso n'um vago medo,
Quem diz á lua : segredo !
Não falles na minha dor ;

Quem sorve aromas celestes
Pelo olfato da esperança,
Quem tem affectos.... descança,
Que para ouvir-te aqui vem,
E ha de applaudir-te sincero
E em tuas lagrimas puras,
Bebendo as santas doçuras,
Comtigo chorar tambem.

(1866)



A' Julia Tamborini

Do teu canto na ternura
Doce, doce, que faz mal,
Sente-se a extase pura
Da vida celestial;
Tanto a musica é mais bella
Na tua voz que revela
Bondades do coração,
Como que attrahes aos ouvidos
O som dos beijos perdidos
Que os anjos do céu se dão.

À força do orgão que vibras,
Aos brilhos do teu cantar,
Do peito expandem-se as fibras
E as almas querem voar....
Em busca do impossivel,
Atrás da flor invisivel
Que perfuma os labios teus,
Flor de luz que cahe do espaço,
Lançada no teu regaço
Por um afago de Deus.

Que notas ! que auras macias !
Dir-se-hia que a ignea mão
Do archanjo das harmonias
Aperta o teu coração !
Aperta.... e brota a doçura,
O mimo, a graça, a frescura....
Basta ! archanjo, isto é atroz !
Aperta.... e rebenta o pranto,
O aroma, o fogo, o quebranto,
E o incenso da tua voz!...

(1868)



A Mr. Reichert

“ E quando ameigas as fibras
De tudo que pasma aqui ;
Á cada nota que vibras,
Não vês por detrás de ti
Loira, celeste menina,
Colhendo a flôr matutina
Dos sons que sabes tirar,
E um anjo de roupas cerulas,
Rindo, apanhando-te as perolas
De que faz o seu colar ? ”

Assim eu disse ante um hontem
Que faz do piano trophéo,
Um dos poucos que se somem
Entre os mysterios do céo . . .
Assim te vejo. São fragoas
De sons, de anhelos, de magoas
Crepitando aos sopros teus ;
Faiscas de pensamento,
Levadas por esse vento,
Que parte das mãos de Deus.

Tu sopras, — é um thesouro
De mimo e graça e fulgor ;
Sussurro de abelhas de ouro,
Compondo favos de amor . . .

Na tua fruta divina,
Qual na aragem vespertina,
Vem saudade e languidez,
Que mal sentida vagueia,
Como o azul de uma veia
Por baixo de nivea tez.

Tu sopras, — é um assomo
De matutino clarão ;
E essas vozes, não sei como,
São beijos no coração,
Que vem banhar-se de gozo
Ouvindo-te a fruta, ancioso,
Qual um amante infeliz
Sorprende a bella n'um sonho
Fallando . . . e treme risonho,
Escutando o que ella diz . . .

São beijos harmoniosos,
Resomnar de cherubins,
Adormecidos, mimosos,
Das auroras nos colchins.
São segredos palpitados,
Ledos instantes passados
Que ao coração restitues,
Caricias, beijos que sôam,
Ruidos d'almas que vôam
Nos infinitos azues !

São suspiros de donzellas,
Repercutidos nos céos ;
Lagrimas de noivas bellas,
Quando as noivas tinham véos ;

Abrir de virgineas boccas,
Moças desgrenhadas, loucas,
Revelando aos seios nús.
E as notas, que ahí claream,
Por cima de ti se arqueam
N'um firmamento de luz

E quando a frauta inspirada
Fallar aos teus labios vem,
Na tua fronte pousada
Não sentes a mão de alguém ?
E a desgraça, é a gloria,
Essa princeza illusoria,
Que no seu throno fatal,
Dando ao beijo o pé descalço,
Mostra a perna e o cañafalso,
Antigo pagem real !

Mas que importa ? O espaço é grande.
Talentos, astros, brilhae ;
Que á luz, que de vós se expande,
O tempo se abrindo vae !
Pelos degráos das idades
Vão rolando as potestades,
Que lá não podem chegar
Como nas torres, nos montes
A luz d'alva, em vossas frontes
Vê-se a idéa radiar . . .

Não ha mais para onde cresças ;
Teu nome vale brazões.
É bello quando as cabeças
Conquistam os corações.

Assim te vejo. São fragoas
De sons, de anhelos, de magoas,
Crepitando aos sopros teus ;
Faiscas de pensamento,
Levadas por esse vento,
Que parte das mãos de Deus.

(1866)




A Joaquim Augusto

(IMPROVISO)

Quando por cima das nuvens
Tão alto o genio fulgura ;
Quando assume essa estatura,
Essa attitude de rei,
Despota, impondo nas almas
Teu nome, tua grandeza,
Faz parte da natureza,
Como força e como lei ! . . .

Si em marmore talhar pudesse
O teu olympico vulto,
Como um preito e como um culto,
Mostrando ao vivo o que és,
Nas mãos puzera-te um drama,
Pelo teu sopro animado,
Uma aguia, um anjo a teu lado,
E um coração a teus pés !

(1866)



Ainda á Tamborini

Na transparencia desta voz augusta,
Que as nossas magoas docemente acalma,
Quem não te sonda o intimo celeste,
Quem não vê a candura de tu'alma?

Meiga e terna, suavissima e brilhante
Quando ás alturas do ideal revôa,
O ouvido diz : este cantar é bello,
O coração murmura : est'alma é boa.

Luz, que se ouve, harpa etherea, sonho d'anjo,
Divina essencia, perfumado encanto !
Oh ! metaphoras vans que nada valem
Para exprimir a graça do teu canto !

Porque esta voz, que excede o pensamento,
Que te torna radiante e adoravel,
Nos infiltra um anhelos, uma saudade,
Sem saber-se de quem . . . vaga, ineffavel?

Só tu tens o segredo dos arroubos,
Das novas emoções que nos implantas :
Que dôr é esta ? que desejo é este,
Que sentimos arder quando tu cantas ?

Não é da terra, não ! nem se parece
 Com as terrenas paixões que nos affligem :
 E' o desejo da belleza eterna,
 Que a alma remonta á sua grande origem.

Como os deuses de Homero em quatro passos,
 Do Olympo abriam a planura extensa,
 De quatro notas n'uma phrase abranges
 Do coração e Deus a altura immensa.

*
 * *

Pela força indefinivel
 Dos santos gorgeios teus,
 Torna-se clara, visivel
 Uma das faces de Deus.
 Sentimos que quando cantas
 Do peito humano levantas
 O grande e pesado véo....
 N'um raio d'alma estendida,
 Tua voz é a medida
 Do que vae da terra ao céu !

Como que um anjo te abraça,
 E deste abraço ao calor,
 Trescala o perfume, a graça
 Do teu cantar seductor.
 Sempre doce e redolente
 Da Somnambula innocente
 No mavioso chorar,
 Ou nos ais de Lucia a louca,
 Tens phrases d'oiro na bocca
 E musica até no olhar !

*
 * *

No mesmo tomem que os Bellinis vertem
Ternos queixumes de su'alma errante,
Deus escreveu o verbo de teus olhos,
E o suave pallor do teu semblante.

Das harmonias que os archanjos vibram,
Teu peito nobre é o celeste ninho ;
Cantas do palco, e as estrellas dizem :
É a filha de Deus, nosso vizinho !...

(1868)



Ao pianista Hermenegildo

Sentem-se n'alma as tuas mãos divinas
Banhadas no esplendor que sahe do piano,
Ligeiras, como as auras vespertinas,
Que acarinham a juba do oceanno.

E da vida dissipam-se as caligens
Ante essas notas calidas, anciosas,
Qual o bafo confuso de cem virgens
Ebrias de amores n'um tapiz de rosas . . .

*

As teclas encandescidas
** Por tuas leves pressões,
Como fibras doloridas
De profundas emoções,
Paipitam, chéram afaveis,
Molles, ternas, irritaveis,
Ao toque meigo e subtil
Dos teus dedos presurosos,
Como rythmos maviosos
De um coração infantil.

Abre-nos esse thesouro,
Mais um punhado de sons . . .
Archanjo ! em tua taça de ouro
Que sorvos de mel . . . tão bons !
Sobre estas fronte profanas
Estende as mãos sobrehumanas,
Que dos céos colhem jasmins ;
Derrama o teu oleo santo ;
Dá-nos beber esse pranto
De estrellas e cherubins

Menino-genio, que tão cedo vóas,
Que já sobes tão alto, e do cansaço
Vaes dormir machucando almas corôas
De tua mãe no angelico regaço ;

Aspira a flor que no porvir se expande,
Dos louvores daqui não, não te fartes
É só por vós que a natureza é grande,
Aguias, genios, apóstolos das artes ! . . .

É para vós que os dias alvorecem,
Que desbrocham paixões no peito nosso ;
É por isso que as rosas amanhecem
Boquiabertas, pedindo um beijo vosso.

A ti cabe tambem muita victoria,
Manda ás terras d'além tua alma accesa ;
Trarás no peito as emoções da gloria
E na frente . . . algum beijo de princeza ! . . .

(1866)



Ainda á Adelaide do Amaral

Actriz, não sei o mysterio
Do teu talento estupendo !
Mulher, eu te comprehendo
Nas fallas do coração
Tu, sympathica e celeste,
Colheste, d'arte aos quebrantos,
O applauso de nossos prantos,
E queres deixar-nos ? . . . não !


Si tens saudades que ao longe
Dispensam teu pensamento,
Nós pediremos ao vento
Que sopra mais devagar,
Que, á tarde nas fibras ternas
Do teu peito harmonioso,
Module um canto mimoso,
Que não te faça chorar . . .

Á noite que seja meiga,
Que não te traga lembranças ;
Que durmam, que sejam mansas
Todas as ondas do mar . . .
Nós pediremos á aurora
Que surja mais seductora,
Que te console, senhora,
Que não te faça chorar.

É por ti que se enternecem
As nossas auras olentes,
E os corações innocentes,
Melodiosos de amor . . .
Si partes, que faz a virgem
Do orvalho que tem no seio ?
E de seu calice cheio,
Si partes, que faz a flôr ?

Os genios vivem de orvalhos,
Alimentam-se de odores;
Diremos ás flores : flores,
Ah ! não a deixeis partir ! . . .
Com ella a chorar se aprende
Todas as dores profundas,
Todas as magoas fecundas
Que a mulher pôde sentir.

(1867)



Ainda a Mr. Reichert

Tonteia o palco em musical vertigem,
Sopro de Deus que os corações abala ;
É a voz mimosa dessa frauta virgem
É um perfume que dos céos trescala.


Aos sons fluentes que o teu genio empalma.
Como que se abrem de prazer as dôres!
Que anjos meninos nos açoitam n'alma
Com ramalhetes de orvalhadas flores.

Auras virgineas por teus labios cantam. . . .
Dir-se-hia uma poeira refulgente ,
Que as azas dos archanjos alevantam
Nos desertos do céo, genio eminente !

São turibulos de ouro que embalanças,
E o incenso ondêa n'amplidão do espaço ;
Como que ameigas docemente as tranças
De uma santa amparada no teu braço.

De tua bocca a musica espadana,
Parece, que ao fervor das harmonias,
Vaes ciumento a um collo de sultana
E lhe espalhas no chão as pedrarias

(1866)



A' Bottini


Eu bem sei o poder que ao céo da gloria,
Filha dos sylphos, vossos passos guia,
Reconheço, porém, a demasia
De sacra flamma que reluz assim :
Eu bem sei ; mas reprovó este capricho,
Mas censuro de Deus este delirio
Uma estrella no calice de um lyrio !
Fibras d'alma nas mãos de um cherubim . . .

Não ha motivo porque ali . . . da moça
Na fronte esplendida o laurel duplique :
É preciso que Deus se justifique
Desses primores que trazeis de mais ;
Vós, que abris nas alturas do mysterio
Essas fontes de luz que nos inundam,
E os raios do porvir, que vos circundam,
E as azas d'ouro com que ao céo voais . . .

Ha disso uma razão ? ! talvez do berço
Alto destino vos conduz quem sabe ?
A gloria d'arte, que tambem nos cabe,
Realçada por vós quer o Senhor
Genio e lindeza ! . . . abraço de dous anjos,
Que se confundem n'uma só vertigem,
Donde resulta o rosto de uma virgem,
A porção do ideal que se faz flôr . . .

Pelo sopro da musica embalada,
O halito da gloria vos aquece:
No vosso coração, que se enternece
Das patrias auras ao tocar subtil,
Trazeis as vibrações de estranhos mundos,
Onde aos olhos de Deus o peito abristes,
Em mystico hymineu, voando, unistes
A alma da Italia ao genio do Brazil.

(1867)



Ao rabequista Muniz Barreto Filho

Houve um tempo em que as artes, recolhidas
Nas santas solidões do claustro fundo,
Eram pallidas monjas, embebidas
Nos louvores de Deus, longe do mundo

A musica tambem gemeu captiva,
Fugio do templo atrás da liberdade,
De soror fez-se atriz no palco altiva;
Mas não perdeu a sua virgindade.

Para ella, essa deusa a quem fallaste,
Parece que o Senhor te destinava;
Que assim dos olhos seus inda limpaste
As lagrimas do céu que ella chorava.

Como uma imagem, que sonhando abraças,
Tua rabeça, em poetica vertigem,
Tem mais risos, mais perolas, mais graças
Que a bocca meiga de mimosa virgem.

Tanta harmonia divinal, bemdita
Tem um fundo de amor, que ninguem sonda;
Em cada coração, que aqui palpita,
De além dos mundos vem quebrar-se a onda.

Na corrente dos sons fluctua a vida
Com seus ais, seus anhelitos, seus prantos;
E tua alma é a fada adormecida
Nas vagas d'ouro desse mar de encantos.

Pura, como o respiro da innocencia,
 Sahe das cordas a voz evaporada,
 Que se espalha no ar, como uma essencia
 De flor querida, ou de mulher amada . . .

*
 * *

Dessa altura, eu comprehendo,
 Que possas tu genio ser,
 Genio da patria estupendo,
 Que ser maior é morrer,
 Isto é, sacudir a poeira
 Da vida, e com a aza altaneira
 A natureza roçar,
 Deixando o mundo maldito
 Teus vôos pelo infinito
 Longo tempo a contemplar.

O talento em seus fulgores
 Banha, embebe as multidões ;
 O pasmo atira-lhe — flores,
 A inveja vil — maldições . . .
 E elle diz : não esperdiço :
 Tudo se presta ao serviço
 Da obra descommunal . . .
 Para a cr'ôa apanha os cultos,
 E os motejos, os insultos
 Servem p'ra o seu pedestal.

*
 * *

Na linguagem do céu — genio e grandeza,
 Na linguagem da terra — pobre artista !
 É assim, porque Deus, baixando á terra,
 Se rebuça nas noites tenebrosas;

Ou, quando ao mundo envia os seus archanjos,
 É sempre n'uma nuvem que os encobre . . .
 Oh ! tu és grande ! — sim, poeta do arco !
 Tu que sabes tirar notas sentidas,
 Filhas do coração, preciosas, fulgidas,
 Como joia, que treme em collo alvissimo ;
 Notas que saltam, borbulhosas, quentes,
 Como rojam da palpebra da moça,
 No arfar do seio, as lagrimas primeiras,
 A primeira expressão dos seus amores

*
 * *

Por entre a luz de incendiada garça
 Das intimas visões, diz Deus ao genio :
 O que tens a teu lado ?

A minha lyra.

Calca-lhe o peito, sonda-lhe as entranhas ;
 E ella exhalla perfumes, brota risos,
 Golpha prantos, riquezas, luzes, sonhos
 O que tens a teu lado ?

O meu thesouro.

Derrama, entorna-o sobre o mundo absorto
 E nesse despenhar de sons angelicos,
 Suspiram aves, esvoaçam flores,
 Correm auras celestes, redolentes,
 Que balançam brincando os lyrios d'alma ;
 Passam meiguices, murmurar de afagos,
 Tremer de labios, estalar de beijos
 O que tens a teu lado ?

Oh ! uma virgem !

É tua gloria : abraça-te com ella ! . . .

(1865)

Giuseppina de Senespleda

Et vera incessu patuit dea.

Virgilio

Não é só pelo porte que se ostenta,
No dizer do poeta, a deusa occulta.
Quando cantas da terra, e o céu contempla,
Quando cantas do céu, e a terra escuta,

Cahe, como orvalho, a lucidez angelica
Sobre o teu rosto matinal, risonho ;
Mais d'um espirito abre as azas de ouro,
É um delirio, uma locura, um sonho

É um cantar de flores e de estrellas,
Que se consomem de ancias e de anhelos ;
Canta a flor de teus labios purpurinos .
Cantam os astros de teus olhos bellos

Tudo medido, accommodado e justo
Ao rythmico ondular de teu corpinho ;
E o coração voraz tenta agarrar-te
Para esconder-te dentro de seu ninho.

Quiz uma vez o genio da harmonia,
Que te vira e tomára-se de medo,
Asylar-se no calix de um cravo,
E asylou-se em tua bocca, . . . eis o segredo !

Hespanhola gentil, das raras graças,
De que essa voz etherea se colora,
Mimo de voz que se dilata aos poucos,
Crê-se que é uma flor, e é uma aurora.

Que aurora ! O ramo secco da velhice
Reverdece ao clarão da feiticeira ;
Mas não se sabe ao certo o que é teu canto,
Si uma cousa que se ouve, ou que se cheira . . .

Si digo ás auras que tua voz é meiga,
Si conto ás musas que teu rosto é lindo,
Não é por mim, — tudo isto é uma historia,
Que ouvi dos labios de uma rosa abrindo.

(1881)



A uma cantôra

Lagrima santa cahida,
Estrella d'ouro a tremer,
Nos seios d'alma embebida,
Tua voz é um poder,
Que diz ás flores :— brotemos !
Que diz ás aguias :— voemos !
E nas alturas se esvae
Voz do céo, que o céo attende,
Que por si só se defende,
Dizendo a tudo :— escutae !

Que aromas puros recendem
Do calix daquella flor !
Deus e a alma, que se estendem
Nos seus colloquios de amor,
Não querem saber dos gritos,
Que os seios rompem afflictos
Da natureza feroz
Do céo nos doces retiros
Gostam de ouvir os suspiros
E os hymnos da tua voz !

(1866)

Parte Quinta

SATYRICAS

Diante do retrato de D. Josepha

A. F. de Oliveira ⁽¹⁾

Bella flor da familia das Nadeschda,
Das Garret, das Lozier . . . eu só lamento
Que, ao voltares um dia, aqui não aches
Premio adequado ao teu merecimento

Que entre os fidalgos que esta terra conta,
Por dubio sangue, ou titulos baratos,
Não encontres um só que te mereça :
Todos são pobres, parvos e mulatos

(1880)



(1) Bella e joven pernambucana, estudante de medicina
em Nova-Yorck.


Chapa

Agora tudo é *chapa* ! . . . A luz de uns olhos,
Donde a furto um signal de amor se escapa,
O sol e a lua, o céo e as estrellas,
Tudo que é velho, o proprio Deus é *chapa*.

Nenhuma idéa, que não traje humilde
Do commum, do vulgar, a rota capa . . .
Si ao amigo se diz : sou teu amigo !
Não se acredita, pois amigo é *chapa*.

A honra, a liberdade, o amor, a gloria,
E si quizerem, a igreja e o papa,
Tudo está gasto ; e afinal de contas
A mesma chapa já tornou-se *chapa* ! . . .

(1880)



A um juiz da Escada (1)

Considerando que as flores
Existem para o nariz,
E as mulheres para os homens,
Na opinião do juiz ;

Considerando que as moças,
Ariscas como a perdiz,
Devem ter seu perdigueiro,
Na opinião do juiz ;

Considerando que a gente
Não póde viver feliz
Sem fazer seu namorico,
Na opinião do juiz ;

Amemos todos, amemos,
É Cupido quem o diz ;
Pois *namoro não é crime*,
Na opinião do juiz

(1874)

(1) Um tal que n'um processo, por crime de defloramento, despronunciou o réo, entre outras razões, porque — *considerava não ser crime o namoro*

O Rei reina e não governa

(APOLOGO)

Não sei porque a lingua humana
Os brutos não fallam mais,
Quando hoje tem melhor vida,
E ha muita besta instruida
Nas sciencias sociaes . . .

Ultimamente entenderam
Que tinham tambem razão
De proclamar seus direitos,
Pondo em uso os bons effeitos
Que trouxe a Revolução. . . .

“ Seja o leão, diz o asno,
Um rei constitucional ;
Com assembléas mudaveis,
Com ministros responsaveis,
Não nos póde fazer mal.

Fiquem-lhe as garras occultas,
Não ruja, não erga a voz,
Conforme a these moderna
Qu'elle reina e não governa,
Quem governa somos nós

Todas as bestas da terra,
Todas as bestas do mar,
Tenham os seus delegados,
Sendo os ministros tirados
Do seio parlamentar ”

“ Muito bem !— grita o macaco,
A gente vae ser feliz !
Respeito a sciencia alheia ;
Publicista de mão cheia,
O burro sabe o que diz.

Todavia, acho difficil
Que Dom Leão rugidor,
Sujeito á sêde e á fome,
Queira ter sómente o nome
De Rei ou de Imperador !...


Acostumado a pegar-nos
Com suas patas reaes,
Calar-se, fingir-se fraco !...
Segundo penso eu macaco
Dom Leão não póde mais ! ”

Acode o asno : “ eu lhe explico,
Nada val a objecção :
Si o Rei viola o preceito,
Salvo nos fica o direito
De fazer revolução. ”

“ Mestre burro, isto é asneira,
Palavrão de zurrador ;
Esse direito é fumaça ;
De que nos serve a ameaça,
Quando nos falta o valor ?!

Só vejo, que bem nos quadre
No throno, algum animal,
Que coma e viva deitado :
O porco !... Exemplo acabado
De Rei constitucional”

(1870)



Diante de um batalhão que voltava da campanha

Lavas de gloria aos terremotos d'alma
Queimam os peitos de paixões estranhas :
E' o povo que pesa os seus guerreiros
Na balança em que Deus pesa as montanhas !

Homens do céo, phantasticos, enormes,
Que sondastes o golphão do heroismo,
Inda tendes nos pés ensanguentados
Agarradas as perolas do abysmo !

Tendes na frente um resto de fumaça
Que trazeis das batalhas, e os resabios
Do cartucho mordido se misturam
Com o soberbo desdem dos vossos labios

O pendão que os relampagos rasgaram,
Das mãos da guerra bravamente escapo
De que póde servir? O rei tem frio . . .
Dae ao rei por esmola . . . este farrapo !

(1870)



NOTA

Este livro, primeiro de uma serie que pretendemos dar á lume, contém uma terça ou quarta parte das producções poeticas de Tobias Barreto. Faltam ahi muitas das mais inspiradas composições do poeta, as quaes apparecerão nos volumes seguintes. A grande difficuldade para obtermos as peças desta collecção motivou a sua demora. É certo que todas as poesias do distincto sergipano foram publicadas em jornaes e periodicos de Pernambuco e que alli existem muitas collecções manuscriptas desses cantos ; comprehende-se, entretanto, o embaraço que hoje encontrará quem daqui da côrte se abalançar a colligir versos esparsos pelas folhas provincianas.

Recorremos ao poeta como á fonte mais segura ; elle, porém, ao envés de certos atormentadores da paciencia alheia, que, ao comporem qualquer bagatella, guardam-na debaixo de chaves, depois de abusarem do proximo com repetidas leituras, elle não possui a collecção de seus versos. — Atirou-os aos quatro ventos como folhas soltas ; eis tudo.

Creemos não ser de nossa parte uma arrojada esperanza, o acreditarmos que este livro, documento de uma das phases mais interessantes da poesia nacional, ha de agradar ao publico brasileiro. — O seu autor tem hoje um nome conhecido em todo o paiz. É uma

individualidade sympathica, por seu character, espirito culto e livre de certos preconceitos scientificos, litterarios e politicos.— É um desses que conquistaram a fama a esforços renhidos por meio da luta. Conta, é certo, muitos inimigos no paiz; mas já é tempo de deixarmol-o passar em meio de nossos applausos. Não lhe regateemos honras, que do estrangeiro já lhe foram feitas pela imprensa e por espiritos como — Haeckel, Paulina Moser, Guilherme Sellin, Apsfeldt, Richard Lesser na Allemanha ; Bernard Perez em França.

Calemos os odios diante de um nome que honra a nossa patria e que é um dos poucos que temos a lembrar diante da immensa phalange que na Europa trabalha e pugna pelo espirito moderno.

Côrte Novembro de 1881.

S. R.

INDICE

Pags.

Prologo.....	5
--------------	---

PARTE PRIMEIRA

IMPESSOAS E NATURALISTAS

O Genio da Humanidade.....	32
Os Tabaréos.....	35
O Beija-Flor.....	40
Scena Sergipana.....	43
Os Trovadores das Selvas.....	45
A Caridade.....	48
O Dia de Finados no Cemiterio.....	51
Mãe e Filho.....	54
Lenda Rustica.....	55
Oito Annos.....	61
Anhélos.....	63
Duvidas.....	65
Tentemos.....	66
Realidade.....	67
Vãos e quedas.....	68
Mulher e genio.....	77

PARTE SEGUNDA

AMOROSAS

Amemos.....	81
Supplica.....	82
Dá-me depressa.....	84
Pelo dia em que nasceste.....	86
Consente... ..	90
Impossivel.....	91
Leocadia.....	92
Diz-me sempre.....	94
Oh! isto mata... ..	95
Como é bom! cantai.....	97
Tu me entendes.....	98
Ideia.....	100
Criança.....	102
Sempre bella.....	103
Varição á Heine.....	104
Penso em ti.....	105
Quando nasceste.....	108
E nem te importas.....	110
Filippa.....	113
Lutas d'alma.....	115
Jeronyma.....	117
Porque me feriste.....	119
Amalia.....	121
Tão longe assim.....	125
Não falleis em mim.....	127
Ainda e sempre.....	128
Incredula.....	129
Per brineadeira.....	131

PARTE TERCEIRA

PATRIOTICAS

A Vista do Recife.....	135
------------------------	-----

	Pags.
Os Voluntarios Pernambucanos.....	139
Os Leões do Norte.....	143
Sete de Setembro.....	148
Em nome d'uma Pernambucana.....	151
Versos escriptos n'um dia nacional.....	154
Capitulação de Montevidéo.....	157
A Volta dos Voluntarios.....	159
Decadencia.....	161
A Polonia.....	164
A Escravidão.....	165
A Viuva e Filhos do Capitão Pedro Affonso.....	165

PARTE QUARTA

ESTHETICAS

À Adelaide do Amaral.....	171
À Julia Tamborini.....	174
A Mr. Reichert.....	176
A Joaquim Augusto.....	180
Ainda á Tamborini.....	181
Ao pianista Hermenegildo.....	184
Ainda á Adelaide do Amaral.....	186
Ainda a Mr. Reichert.....	188
A Bottini.....	189
Ao rabequista Muniz Barreto Filho.....	191
Giuseppina de Senespleda.....	194
A uma cantora.....	196

PARTE QUINTA

SATYRICAS

Diante do retrato de D. Josepha A. F. de Oliveira.....	199
Chapa.....	200
A um juiz da Escada.....	201
O Rei reina e não governa.....	202
Diante de um batalhão que voltava da campanha.....	204

ERRATA

Pag. 34, verso 4, em vez de *Tem*, *Têm*; pag. 35, verso 9, em vez de *As*, *As*; pag. 39, verso 15, em vez de *á baixo*, *a baixo*; pag. 45, verso 15, em vez de *fragancias*, *frangancias*; verso 16, *idem*; pag. 46, verso 12, em vez de *Mas*, *Mais*; pag. 56, verso 6, em vez de *A esmo*, *A esmo*; pag. 63, verso 16, em vez de *Tras*, *Trás*; pag. 73, verso 6, em vez de *Com roupas*, *como roupas*; pag. 77, verso 10, em vez de *Desse*, *Desce*; pag. 112, verso 10, em vez de *Exala*, *Exhala*; pag. 119, verso 10, em vez de *Coração*, *o coração*; pag. 131, verso 11, em vez de *Mãozinhas*, *de Mãozinhas de*; pag. 136, verso 13, em vez de *galhardias*, *galhardias*, —; pag. 144, verso 24, em vez de *almas*, *almos*; pag. 144, verso 27, em vez de *a nós*, *a nós*.